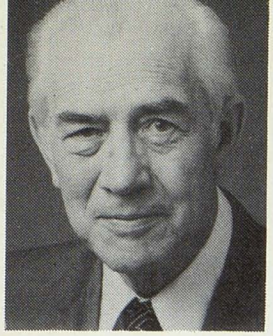
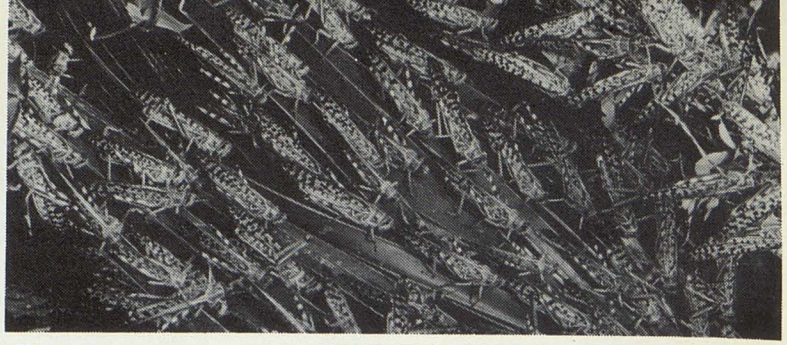
A Liahona 34/9 SETEMBRO 1981





A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO «INTERNATIONAL MAGAZINE»:
M. Russell Ballard

Editor:
Larry A. Hiller

Editor Gerente;
David Mitchel.

Editor Associado;
Bonnie Saunders
Seção Infantil;
Roger Gylling,
desenhista;

EXECUTIVO DE A LIAHONA:

Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,

Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção

A Liahona

SETEMBRO DE 1981
PBMA061APO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência:
Presidente Kimball Fala sobre **PROFANIDADE**,
Presidente Spencer W. Kimball.
6. **MEXERICO: A ARMADILHA DE SATANÁS**, Élder Gene R. Cook
8. **SUGESTÕES DOS SERVIÇOS DE BEM-ESTAR PARA CONSERVAR A SAÚDE**
15. **MINHA TRANSFORMAÇÃO MODIFICOU NOSSO CASAMENTO**
19. **PERFIL DE UM LÍDER DA IGREJA**, Élder Mark E. Petersen.
26. **"VOU NASCER EM FEVEREIRO"**, Florence B. Nielsen
28. **RAYMOND E O ÔNIBUS**, Kathleen Conger Ellis
30. **RESPOSTA NA COZINHA**, Sue Ann Crockett
32. **PERGUNTAS E RESPOSTAS**, Daniel H. Ludlow
35. **"VEDE, POIS, COMO OUVIS"** (Lucas 8:18), John A. Green
38. **BÊNÇÃO PATRIARCAL**, Élder LeGrand Richards
44. **O ORGULHO DE EMILY**, William G. Hartley
46. **QUANDO SE ORA À MANEIRA DO SENHOR**, Stephen L. Law
48. **CONCERTO À MEIA-NOITE**, Diana McFarland Brown
51. **A VACA GENTIA**, Rhoda Lewis Behunin

SEÇÃO INFANTIL

I. **ESPERANÇA NO FINAL DE UM FIO**, Andrea H. Chatwin
IV. **A VOLTA DO GAFANHOTO**, Dr. Sherwood B. Idso
VIII. **LORENZO SNOW 1814-1901**

NOTÍCIAS LOCAIS

I Novo Conselheiro Chamado à Primeira Presidência
III Novas Estacas - Estaca Olinda Brasil
IV Estaca Fortaleza Brasil
Nova Presidência da Estaca São Paulo Norte Brasil
V Organizada a Primeira Estaca de Portugal
VI Dirceu Gonçalves Felix, Professor do Hotel Escola Senac
VIII Encontro com o Ministro da Previdência Social
O Último Grupo de Missionários Chilenos
IX Seminários Regionais de Comunicações
X Concurso de Panos de Prato/Exposição de Artesanato
XI Escotismo/Testemunho de Genealogia
XII O Poder da Oração
XIII O Senhor Prepara o Caminho
XIV Conselho a um Amigo
XV Finanças Familiares

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal* 26023, *São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 100,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: *Cr$ 10,00.* As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

O Presidente Kimball Fala Sobre PROFANIDADE

Presidente Spencer W. Kimball

Quando um dia, no hospital, eu estava sendo removido da sala de operações por um atendente, este tropeçou e lá veio uma enxurrada de palavrões ligados ao nome do Salvador. Ainda que semi-inconsciente, horrorizei-me e implorei: - Por favor! Por favor! Não ultraje o nome do meu Senhor!

Seguiu-se um silêncio mortal e depois uma voz sussurrou: — Sinto muito.

Ele se esquecera no momento de que o Senhor ordenou taxativamente a todo o seu povo: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar seu nome em vão." (Êxodo 20:7.)

Muitos certamente procuram justificar-se, dizendo que os Dez Mandamentos foram dados há milhares de anos a um outro povo; entretanto, é preciso não nos esquecermos de que ele não os deu somente aos israelitas, mas os repetiu com redobrada ênfase aos judeus no meridiano dos tempos e até mesmo em nossa dispensação.

Ao jovem de Jerusalém que inquiriu de Cristo a respeito do caminho da salvação, este respondeu: "Se... queres entrar na vida, guarda os mandamentos." (Mat. 19:17.)

O jovem perguntou ansioso: "Quais?"

Então o Senhor repetiu-lhe os Dez Mandamentos. Eles ainda estavam em vigor. E também no Sermão da Montanha, disse ele: "... de maneira nenhuma jureis." (Mat. 5:34.)

Paulo, o apóstolo, condenou os blasfemos, dizendo: "A sua garganta é um sepulcro aberto; com suas línguas tratam enganosamente; peçonha de áspides está debaixo de seus lábios; a sua boca está cheia de maldição e amargu-

ra." (Rom. 3:13-14.)

E Tiago verberava o mal:

"... mas a língua nenhum homem a pode domar. É um mal irrefreável; está cheia de peçonha mortal.

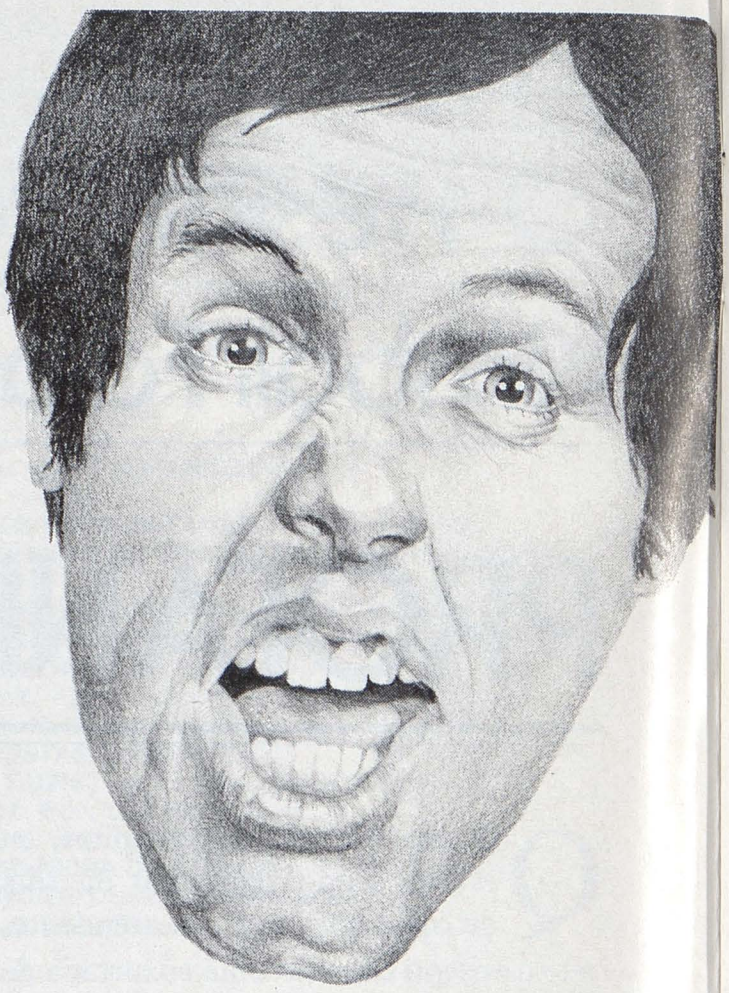
"Da mesma boca procede bênção e maldição. Não convém, meus irmãos, que se faça assim." (Tiago 3:8, 10.)

Na derradeira dispensação, o Senhor adverte: "Portanto, que todos os homens se acautelem de como tomam em seus lábios o meu nome —

"Pois eis que na verdade eu digo que muitos há que estão sob essa condenação, que usam o nome do Senhor, e usam-no em vão..." (D&C 63:61-62.)

Contudo, em cada esquina, nos lugares públicos, no trabalho, nas mesas de banquete, soam em nossos ouvidos os sagrados nomes da Deidade proferidos levianamente. Quando nos misturamos com o povo nos lugares de entretenimento, ficamos chocados com a irreverência existente entre eles. É o mesmo no palco, nos filmes, na televisão e no rádio. Percebemos como Ló deve ter ficado, quando, de acordo com Pedro, se sentiu "atribulado pela vida dissoluta daqueles perversos." (II Pedro 2:7.) Por que as pessoas que gostam de falar em termos grosseiros e profanos são tão obtusas, e se recusam a obedecer a Deus, a ponto de permitir que sua capacidade de comunicação se atrofie cada vez mais? A linguagem é como música que enriquece com a beleza, harmonia e amplitude da melodia, mas se degrada com a repetição de umas poucas notas dissonantes.

Faz pouco tempo, peguei um livro muito difundido, muito recomendado, um verdadeiro *best-seller*, e fiquei horrorizado com os diálogos profanos e vulgares que nele encontrei e com a maneira indescritível como os personagens usavam o nome sagrado da Deidade. Por quê? Por que o escritor há de rebaixar-se tanto e profanar seu talento recebido de Deus? Por que usar blasfêmias e imprecações? Por que pronun-



As pessas que gostam de falar em termos grosseiros e profanos são (mentalmente) obtusas.

ciam com lábios impuros e escrevem com canetas sacrílegas o nome de seu próprio Criador, os santos nomes do seu Redentor? Por que hão de ignorar seu taxativo mandamento?

"Não jurareis falso pelo meu nome, assim profanando o nome do vosso Deus... Eu sou o Senhor." (Lev. 19:12.)

"Porventura gloriar-se-à o machado contra o que corta com ele?" (Isa. 10:15.)

Um grupo de jovens jogadores de basquete tomou o ônibus no qual eu viajava. Todos pareciam competir entre si para ver quem conseguia praguejar com mais virulência. Talvez o tivessem copiado de pessoas mais velhas de suas relações. Estou convencido de que não se davam conta da gravidade do que falavam.

Certo dia, na praia, outro grupo de jovens avançara demais com o carro, ficando atolados na areia solta. Todo o esforço deles não bastou para sáfa-lo. Tive vontade de oferecer minha ajuda, mas senti-me repelido pelo palavreado que ouvi. Aqueles adolescentes estavam usando os santos nomes do seu Criador como se este fosse coisa deles. Recuei, fugindo das blasfêmias.

Tempos atrás, assisti a uma peça de teatro em São Francisco, já apresentada durante longa temporada em Nova York e muito elogiada. Os atores, porém, pessoas indignas de sequer desatar a correia das alparcas do Senhor, blasfemavam e profanavam seu santo nome continuamente, repetindo as falas da peça. O povo ria e aplaudia, e ao pensar no autor da peça, nos atores e na audiência, senti que todos eles estavam envolvidos naquele crime e lembrei-me da severidade com que o livro de Provérbios condena os que toleram o mal:

"O que tem parte com o ladrão aborrece a sua própria alma: ouve maldição e não o denuncia." (Prov. 29:24.)

Olhos e ouvidos sensíveis são diariamente feridos no palco e no telefone pelo uso indevido e blasfemo dos nomes do Senhor nosso Deus. Nos clubes, fazendas, nos círculos sociais e de negócios, por toda parte o nome do Redentor é proferido presunçosa e pecaminosamente. Os imprudentes e indiferentes, os maldosos e arrogantes devem lembrar-se de que não é possível tomar o nome do Senhor em vão, sem sofrer ao conseqüências. Quando profanamos todas as coisas santas e sagradas, mesmo o uso comum e irreverente dos nomes da Deidade no falar cotidiano, não estaremos convidando à destruição final?

O Senhor nos disse que somos responsáveis pela linguagem indecente. Vós nunca fazeis uso desse tipo de linguagem, não é, meus jovens amigos? Isto seria uma desgraça. A indecência destinada a impressionar terceiros servirá apenas para depreciar tanto os ouvintes como quem a profere. Se a humanidade conseguisse ver a indecência como indicação de fraqueza em lugar de força e masculinidade, como estupidez e não sofisticação, conseguiria perceber mais claramente o poder de Jesus Cristo, a pessoa mais honesta e decente que já viveu na face da terra.

É terrível qualquer ser humano usar os nomes da Deidade desrespeitosa-

mente. E isto inclui o uso sem autoridade. Existe muita gente que reivindica revelações bem como autoridade, sem as ter recebido diretamente do Senhor.

Os profetas de todos os tempos jamais deixaram de reprovar esse grave pecado. O Profeta Isaías chamava ao arrependimento aqueles que "juram pelo nome do Senhor e fazem menção do Deus de Israel, mas não em verdade nem em justiça". (Isa. 48:1.)

Jó, informado de que seus filhos e filhas dados ao mundanismo promoviam festas exageradas em suas casas, "oferecia holocaustos segundo o número de todos eles; pois dizia Jó: Talvez meus filhos tenham pecado e blasfemado de Deus em seu coração..." (Jó 1:5.)

Ele se encontrava em grande aflição. Seus ossos doíam, a carne estava em feridas, o coração desalentado e quase sem esperança: mas, quando sua mulher se rebelou e disse: " Ainda reténs a tua integridade? Blasfema de Deus e morre," foi severamente repreendida por ele: "Como fala qualquer doida, assim falas tu." (Jó 2:9-10.)

George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos, deixou-nos um bom exemplo nesse sentido. Quando soube que alguns de seus oficiais eram dados a blasfêmias e imprecações, escreveu-lhes uma carta datada de 1º de julho de 1776, da qual citamos:

"O General lamenta ter sido informado de que se esteja difundindo o costume tolo e iníquo de usar imprecações e blasfêmias profanas, um vício até agora pouco conhecido no exército americano. Ele espera que seus oficiais se empenhem em remediar o mal tanto pelo exemplo como com sua influência, e que ambos, oficiais e tropa, se dêem conta de que não podemos ter grandes esperanças de ver nossos esforços abençoados pelos céus, se nós os insultamos com nossa impropriedade e insensatez. Além disso, é um vício tão vulgar e sem nenhuma atração, que todo homem de bom senso e caráter o detesta e despreza."

Citar o nome do Senhor com reverência deve simplesmente ser parte de nossa vida como membros da Igreja. Nós, como bons santos dos últimos dias, por exemplo, não fumamos. Não tomamos café nem chá. Não fazemos uso de drogas perniciosas, nem de linguagem imprópria. Não praguejamos nem difamamos. Não usamos o nome do Senhor em vão. Não é difícil tornar-se perfeito no hábito de evitar imprecações, pois quem fecha a boca contra todas as palavras feias, está a caminho da perfeição nesse sentido.

Mas nossa responsabilidade não termina aí, pois seria meramente deixar de transgredir. Para sermos justos, precisamos pronunciar o nome do Senhor com reverência e santidade em nossas orações, discursos e debates. Diz Isaías: "Porque um menino nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre seus ombros; e seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz." (Isaías 9:6.)

Jesus aperfeiçoou sua vida e tornou-se nosso Cristo. Seu inestimável sangue foi derramado e tornou-se nosso Salvador; entregou sua vida perfeita, e tornou-se nosso Redentor; sua expiação

tornou possível retornarmos ao Pai Celeste; e mesmo assim, quão indiferente, quão ingrata se mostra a maioria dos beneficiados! A ingratidão é um pecado muito, muito antigo.

Muita gente professa crer nele e em suas obras, embora relativamente poucos o honrem. Milhões de pessoas se dizem cristãs, porém raramente caem de joelhos em gratidão pelo supremo dom de sua vida.

Reempenhemo-nos a ter atitudes reverentes, a externar nossa gratidão ao nosso Senhor por seu incomparável sacrifício. Lembremo-nos sempre do mandamento moderno: "Portanto, que todos os homens se acautelem de como tomam em seus lábios o meu nome," (D&C 63:61.)

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Contem uma experiência pessoal a respeito de como a linguagem profana de outros os afetou. Os membros da família talvez também gostassem de expressar como se sentem, quando ouvem um linguajar impróprio.

2. O artigo traz algumas passagens de escritura que a família poderia ler em voz alta ou então outra escritura que gostassem de ler juntos?

3. Peça sugestões sobre como livrar-se do hábito de praguejar.

4. Diz o Presidente Kimball que a linguagem pode ser tão agradável quanto a música. Discutam como podemos tornar o linguajar diário agradável e edificante.

5. Esse debate seria mais conveniente depois de uma conversa prévia com o chefe da família? Haverá alguma mensagem do líder do quorum ou bispo para o chefe da família com respeito ao assunto?

DIVINA MORDOMIA

Em maio último, numa entrevista concedida à imprensa americana, Robert Redford foi interrogado a respeito do modo de vida na maioria dos lares do estado de Utah.

Redford ama Utah, onde reside com sua esposa mórmon, e os elementos básicos da civilização ocidental. Ele se refere às "definições de mordomia" dos pioneiros, "que foram perdidas no atual estágio de desenvolvimento." Ele disse algo muito importante: "As pessoas perderam a perspectiva da mordomia divina."

Não explicou o que queria dizer com "mordomia divina", mas o simples reconhecimento dela deve chamar a atenção de cada jovem que considera este astro como o grande herói que é.

Como profissional do cinema, Redford lidera a juventude da América. Ele ensina a todos — jovens e velhos — que há uma divina mordomia, de inestimável valor para os seres humanos, e para um estilo de vida condigno, que nós de hoje perdemos. Concordamos com Redford e achamos que devemos fazer tudo para recuperá-la.

Quais são alguns elementos dessa divina mordomia? Antes de tudo é o reconhecimento do divino, que há um Deus, e que somos responsáveis perante ele. É aqui que começa a mordomia. Somos responsáveis perante ele.

Mas como podemos cumprir nossa obrigação sob tal mordomia? Devemos reconhecer o que um sábio de outrora declara: "A retidão exalta um povo".

Essa mordomia exige que amemos a Deus com todo coração, e ao próximo como a nós mesmos. Assim cumpriremos nossa obrigação.

Do "Church News" de 27 de junho de 1981

MEXERICO: A ARMADILHA DE SATANÁS

Elder Gene R. Cook
do Primeiro Quorum dos Setenta

Solenemente, as pessoas começaram a reunir-se à porta do escritório do presidente. Trocando olhares pasmados, muitos ainda não podiam acreditar que haviam sido convocados para um tribunal da igreja. Os oficiais da corte eram cheios de amor e de compreensão, mas muito sérios no concernente à investigação das responsabilidades; as pessoas presentes poderiam perder sua condição de membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A acusação não era imoralidade ou apostasia; eles eram acusados de falar mal de um vizinho.

Um excelente irmão havia sido injuriado por aqueles que estavam reunidos aquela noite, acusado de séria imoralidade. Ele era completamente inocente, mas o grande dano causado por "aqueles que contava como seus amigos" não seria facilmente reparado. Quem poderia medir a extensão da quase destruição desta boa alma? Quem poderia medir o impacto no ramo, à medida que sua associação com a igreja era corroída? E o que se dirá sobre o efeito desse incidente nos não membros que também foram envolvidos? Quem poderia, algum dia, desfazer o mal que afetou centenas de vidas?

Aconteceu tão facilmente. Começou com simples palavras como —

"Você ouviu...?"

"A irmã Joana disse..."

"Eu ouvi que ele disse a ela..."

"Não tenho certeza sobre isto, mas..."

"O primo do Sr. Sanchez disse que pensou..."

"Não quero dizer nada de mau, mas..."

"Se você não disser a ninguém, acho que poderei contar-lhe que..."

O pecado tem muitas ferramentas, diz o ditado, mas uma mentira é o cabo que serve em todas elas. Se sois um daqueles que pensam ser aceitável contar algumas pequenas mentiras, logo sereis incapazes de distinguir entre pequenas e grandes mentiras.

Aqueles que conduziam o tribunal se voltaram para as explícitas instruções do Senhor sobre esse assunto. Através de Moisés, ele disse ao povo: "Não an-

darás como mexeriqueiro entre os teus povos'' (Levítico 19:16). O livro de Provérbios descreve os efeitos da calúnia: ''A boca do tolo é a sua própria destruição, e os seus lábios um laço para a sua alma. As palavras do linguareiro são como doces bocados; e elas descem ao íntimo do ventre.'' (Provérbios 18:7-8.)

Algumas pessoas poderão pensar que constroem seu amor próprio e ganham a atenção e respeito dos outros contando histórias falsas, mas, na realidade, elas são agentes de Satanás. O Livro de Mórmon registra que, antes da vinda do Salvador às Américas, ''Satanás os incitava continuamente à prática de iniqüidades; sim, ele ia de um lado para outro, espalhando rumores e discórdias sobre a face da terra, a fim de enrijecer o coração do povo contra o que era bom e o que deveria vir''. (Helamã 16:22.)

Satanás teve sucesso em endurecer os corações das pessoas, e mais ou menos trinta anos mais tarde, depois da grande destruição dos iníquos, o profeta Néfi registrou que ''o demônio ri e seus anjos se regozijam, em virtude da morte... de meu povo'' (3 Néfi 9:2.)

Admoestações divinas para refrear nossas palavras são também encontradas com grande ênfase nas escrituras modernas. O Senhor declarou ao Profeta Joseph Smith: ''E ver que não haja iniqüidade na igreja, nem dificuldade entre um e outro, nem mentiras, maledicências ou calúnias'' (D&C 20:54). ''Não falarás mal do teu próximo, nem lhe farás mal algum'' (D&C 42:27). ''Cessai de contender uns com os outros; cessai de falar mal um dos outros'' (D&C 136:23).

O Senhor nos ama e deseja que nos amemos uns aos outros. Que possamos nós seguir este conselho dado ao Profeta Joséph Smith: ''Portanto, em todas as tuas conversações, fortalece a teus irmãos'' (D&C 108:7), e ''Em vossas palavras procurai edificar-vos uns aos outros'' (D&C 136:24).

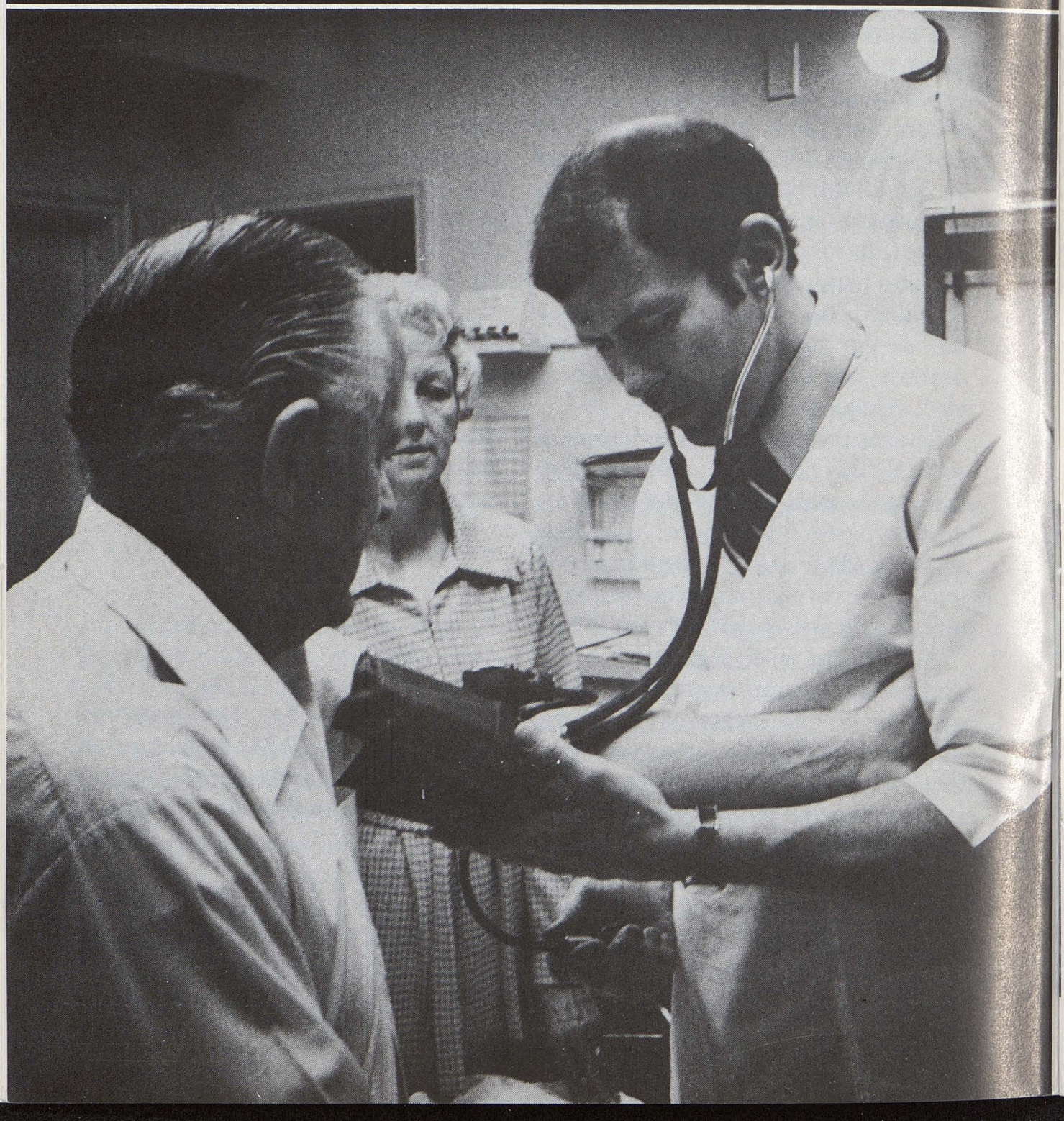
Devemos ser cuidadosos, a fim de não contribuirmos de modo algum com o que o Profeta Enoque viu em uma visão há milhares de anos, quando registrou: ''E viu Satanás, e ele tinha uma grande corrente na mão, que cobria toda a face da terra com um véu de escuridão; e ele olhou para cima e riu; e seus anjos se rejubilaram'' (Moisés 7:26).

Que a constante companhia do Espírito Santo possa afastar os maus pensamentos e as palavras inapropriadas, para que a espiritualidade cresça e triunfe, porque, à medida que controlarmos nossas línguas, nos tornaremos capazes de controlar todo o nosso ser.

O casamento não é uma proporção de meio-a-meio. Cada um deve percorrer a milha extra para que não haja disputa quanto à metade do caminho.

(Pres. Tanner)

SUGESTÕES DOS SERVIÇOS DE BEM-ESTAR PARA CONSERVAR A SAÚDE



P. Li algumas pesquisas que mostram que os santos dos últimos dias são mais saudáveis do que os outros grupos. Poderia fazer um breve resumo destes achados?

R. Por muitos anos, estatísticas médicas dos Estados Unidos têm demonstrado que as pessoas de Utah apresentam os mais baixos índices de mortalidade. E dentre as três causas mais comuns de morte nos Estados Unidos (ataques cardíacos, câncer e derrame cerebral), Utah tem registrado o mais baixo ou o segundo mais baixo índice nos Estados Unidos para ataques cardíacos e câncer, desde 1950.

Utilizando o excelente sistema de registros da Igreja e unindo os registros da Igreja com os atestados de óbito para o Estado de Utah, temos demonstrado que os índices muito baixos de doenças cardíacas e câncer encontrados em pessoas de Utah, são quase que exclusivamente verificados nos cidadãos SUD do estado. Este benefício de saúde também é mais fácil de ser encontrado entre os membros ativos do que entre os inativos. Um estudo semelhante no Havaí também mostra uma diminuição de mortes causadas pelo câncer e por doenças do coração entre os santos dos últimos dias havaianos.

O efeito prático da diminuição dos índices de morte por câncer e doenças cardíacas tem dado aos santos dos últimos dias em Utah a perspectiva de uma vida mais longa. Um homem SUD vive em média sete anos mais, e uma mulher SUD três anos mais, comparados com a população branca dos Estados Unidos. Esta expectativa de vida pode ser atribuída em parte à abstinência do tabaco e álcool; mas também se observam taxas mais baixas de câncer em partes do corpo humano que não possuem nenhuma conexão com o consumo de tabaco e álcool — o estômago, cólon, colo uterino e seio, por exemplo. Parece haver fatores importantes, porém desconhecidos no estilo de vida SUD, que predispõem os santos dos últimos dias a terem vida mais longa. Várias pesquisas estão atualmente em marcha para determinar estes fatores.

P. O que significa dormir apropriadamente? Como é que alguém pode ajustar-se a horários irregulares para dormir?

R. Não há dúvidas a respeito da necessidade de um sono apropriado. Dormir o suficiente permite o reparo completo e a restauração de células do corpo humano; sono irregular resulta em menor eficiência no trabalho, aumenta a tensão e irritabilidade, e contribui para o aumento de acidentes. Aqueles que se cansam facilmente ou participam de vigorosa atividade física necessitam dormir mais do que a pessoa normal.

A pergunta sobre o que é apropriado para qualquer indivíduo tem recebido muita atenção e estudo. A seção oitenta e oito de Doutrina e Convênios diz-nos que devemos ir para a cama cedo, para que possamos levantar-nos revigorados. Ela também nos admoesta a não dormir mais do que o necessário (D&C 88:124).

Um Estudo Humano da População da Califórnia mostrou que pessoas que dormiam de 7 a 8 horas eram mais saudáveis do que as que dormiam 6 horas ou menos e do que aqueles que dor-

miam 9 horas ou mais. O Centro de Estudos Aeroespaciais de Houston, Texas, concluiu que a maior parte das pessoas necessitam de 7 a 8 horas de sono para cada período de 24 horas. Sabemos que bebês recém-nascidos necessitam de até 22 horas de sono diariamente. Entre as idades de um e quatro anos, cerca de 12 horas são necessárias, e entre as idades de quatro e doze cerca de 10 horas são necessárias. Os adolescentes precisam de 8 a 10 horas, e os adultos normais precisam de 7 a 8 horas de sono para manterem-se saudáveis.

Aparentemente o horário do dia em que a pessoa dorme não é importante, contanto que seja por um período consistente e adequado para suas necessidades. Quando possível, a adesão ao estilo de vida de "deitar-se cedo e levantar-se cedo" sugerido em Doutrina e Convênios (D&C 88:124) poderia satisfazer necessidades diárias de sono.

P. Constantemente ouvimos sobre os perigos dos produtos químicos adicionados aos alimentos. Quais são eles?

R. Em algumas partes do mundo, enriquecer certos alimentos com os importantes nutrientes de que são carentes tem diminuído significativamente a freqüência das moléstias causadas pela desnutrição. Por exemplo, o enriquecimento do pão com ferro, niacina e tiamina eliminou quase completamente a anemia, pelagra e beribéri, que eram comuns no sul dos Estados Unidos há poucas décadas atrás.

Desde que o corpo humano requer cerca de quarenta nutrientes diversos, um único suplemento nutritivo não completará um regime alimentar inadequado. As pesquisas sobre muitos nutrientes não estão completas, e por isso não sabemos as quantidades específicas de todos os nutrientes necessários para uma boa saúde. Por este motivo, a melhor política é ter um regime alimentar de alimentos nutritivos (leite, carnes, frutas, vegetais, pães e cereais) no lugar de se tentar reforçar uma dieta pobre com suplementos de vitaminas minerais.

Os líderes da Igreja têm aconselhado... contra o uso de qualquer bebida que contenha drogas que criam vícios.

O problema comum para os fumantes é a morte por causa de ataques cardíacos.

Tem havido muitas perguntas sobre outros aditivos alimentares, tais como conservantes, corantes para alimentos, sabores artificiais e adoçantes. Tais aditivos são altamente controlados; uma pesquisa extensiva é realizada a fim de verificar sua segurança antes de sua liberação para consumo. A maior parte dos aditivos deste tipo é feita de elementos químicos já conhecidos do organismo. Ocasionalmente, combinações de elementos químicos ou específicos aditivos demonstram ser prejudiciais à saúde, e são prontamente proibidos. Em muitas áreas do mundo on-

de o clima, as condições sanitárias, e os meios inadequados de armazenamento ou refrigeração permitem rápida deterioração, o uso de certos aditivos tem sido uma grande bênção. Embora o consumo de alimentos naturais e inalterados seja preferível, há poucas evidências disponíveis que possam sugerir que há algum dano feito no organismo ou que a saúde tem sido prejudicada pelo uso de outros produtos.

P. Os efeitos do jejum podem ser prejudiciais, à saude?

R. Praticado com moderação, o jejum *contribui* para a boa saúde. É apenas quando o jejum é estendido consideravelmente que pode ser prejudicial à saúde de alguém. A falta de nutrientes essenciais, especialmente água, causa problemas físicos, os quais, se prolongados o bastante, poderão levar o organismo a sérias moléstias e eventual morte.

Há basicamente dois tipos de jejum — o jejum feito por razões religiosas e o feito para melhorar a saúde da pessoa. O primeiro pode geralmente ser consumado abstendo-se de água e comida por duas refeições consecutivas. Contudo, algumas pessoas experimentam crises, fazendo com que se voltem para um jejum prolongado e oração à medida que imploram ao Senhor. Alguns médicos sugerem que tal jejum pode ser seguro, contanto que o indivíduo quebre o jejum e beba água depois de dois ou três dias.

Jejuns de mais de alguns dias de duração devem ser feitos somente com a supervisão de um médico competente. Crianças pequenas, mulheres grávidas, convalescentes e pessoas com moléstias crônicas (tais como diabete) não deveriam submeter-se a jejuns prolongados, e em alguns casos não deveriam jejuar de modo algum.

O conselho do Senhor de que devemos usar de sabedoria em todas as coisas deve ser aplicado aqui. O uso moderado do jejum pode fazer muito para ajudar os membros a se aproximarem dele, a fim de que suas orações sejam ouvidas e respondidas.

P. Quais são os prós e os contras da amamentação e da alimentação com a mamadeira?

R. Amamentação (aleitamento) é realmente melhor, mas é importante lembrar que algumas mulheres têm dificuldade para amamentar, porém não devem sentir-se inferiores como mães.

A amamentação tem muitas vantagens:

1. O leite de peito é um alimento idealmente equilibrado para o bebê, e os outros tipos são apenas uma tentativa de se aproximarem de sua fórmula.

2. O leite de peito é limpo. Não há problemas de esterilização ou armazenamento.

3. O leite de peito tem propriedades imunológicas.

4. O ferro do leito de peito é mais facilmente absorvido e mais benéfico ao recém-nascido.

5. Problemas com o estômago, cólicas intestinais e alergias são menos freqüentes em bebês que se alimentam no seio materno.

6. A amamentação ajuda o útero da mãe a retornar ao seu estado normal mais rapidamente.

7. A amamentação é muito mais econômica e normalmente mais conve-

niente.

8. Um elo é formado entre a mãe e a criança durante a amamentação.

9. A amamentação também tem outros benefícios emocionais. As mães que amamentam seus bebês declaram freqüentemente: "Sinto-me como que se estivesse dando a meu bebê o que ele necessita. Ajuda a sentir-me realizada como mulher." "Força-me a descansar e passar algum tempo com meu bebê. Eu adoro amamentar e preciso repousar também." "Faz-me sentir importante, porque sei que o bebê precisa de mim." "Ajuda-me a apreciar mais os sacrifícios que minha mãe fez por mim." "Sinto-me mais próxima do Pai Celestial e de minha parte na criação."

Um pediatra ou outro médico devia ser consultado a respeito do tipo de leite apropriado para o bebê que não é amamentado no seio.

P. Quais são as conseqüências de bebidas que contêm cafeína, além do café? Qual a posição da Igreja a respeito do seu uso?

R. A resposta completa a esta pergunta repousa na área da opinião médica e confiança no discernimento pessoal. Os refrigerantes à base de cola contêm cafeína e assim podem ser evitados de acordo com o *espírito* da Palavra de Sabedoria. A declaração mais atual da Igreja concernente à pergunta encontra-se no Boletim do Sacerdócio de fevereiro de 1972, volume 8, número 1, subtítulo 6, parágrafo 2:

"Com referência aos refrigerantes à base de cola, a Igreja nunca tomou oficialmente uma posição, mas os líderes da Igreja têm aconselhado, e nós agora especificamente recomendamos, que somos contra o uso de qualquer bebida contendo drogas que criem vícios. Qualquer refrigerante que contenha ingredientes prejudiciais ao corpo deve ser evitado."

Não há nenhuma norma atual da Igreja que proíba um bispo de emitir uma recomendação para o templo para uma pessoa que consuma refrigerantes à base de cola. Contudo, eles contêm cafeína em quantidades comparadas com aproximadamente de meio a um-quarto de uma xícara de café, dependendo do tamanho da garrafa. Cafeína é um estimulante do sistema nervoso central, com a tendência de se tornar um vício à medida que é utilizado, com os efeitos colaterais dos estimulantes do sistema nervoso. O uso constante de bebidas à base de cola pode levar a um padrão de vício semelhante ao dos que bebem café.

P. Fumei durante anos antes de me unir à Igreja. Minha saúde foi afetada para sempre?

R. Muitos estudos têm sido realizados sobre os indivíduos que deixaram de fumar. O problema comum para os fumantes é a morte por causa de ataques cardíacos. Diversos estudos indicam que, quando os indivíduos param de fumar, o risco de ataques cardíacos prontamente retorna a um nível próximo ao dos não fumantes. Isto é também verdadeiro para aqueles que fumaram durante anos.

Os dados são diferentes para o câncer no pulmão. Infelizmente, uma vez que a pessoa pára de fumar, o risco de câncer no pulmão diminui apenas gra-

dualmente. Isto ocorre provavelmente porque a tendência a se contrair o câncer no pulmão é aumentada pelo alcatrão e outras substâncias da fumaça do tabaco acumuladas por um longo período de tempo. Neste caso, o tempo em que o tabaco foi usado é um fator para se predizer o risco de câncer. Contudo, há um declínio gradual, mesmo no risco de câncer, em proporção direta ao tempo em que o ex-fumante abandonou o hábito.

P. O que pode ser dito sobre a importância do saneamento e limpeza?

R. É vital notar que muitos dos organismos que afligem a família humana não se desenvolvem em um ambiente limpo. Ratos e camundongos desaparecem, eliminando-se lixo, sujeira e comida acessível na casa. Lavem bem os pratos, com água quente e sabão, e eliminarão todos os tipos de germes. Percevejos não podem sobreviver em lençóis lavados regularmente. Piolhos não sobrevivem em cabelos limpos lavados freqüentemente. Germes não podem sobreviver em pias e banheiros que são propriamente esfregados e desinfetados. Formigas não permanecerão em uma cozinha se não encontrarem migalhas de comida para carregar.

Há exceções a esta regra, naturalmente, e não devemos concluir que doenças freqüentes em uma casa necessariamente sejam conseqüências de sujeira. Porém, é verdade que muitas doenças, moléstias transmissíveis principalmente, podem ser efetivamente controladas através da limpeza e saneamento.

P. Quais os tipos de imunização que minha família deve ter?

R. Os programas de imunização têm reduzido muito as moléstias contagiosas no mundo todo. A poliomielite, por exemplo, já foi o principal assassino e causador de invalidez nos EUA, e hoje é grandemente prevenido por causa de imunizações regulares e planejadas. A varíola, moléstia que atemorizou o mundo por muitos séculos, foi recentemente erradicada por causa da imunização universal.

A Igreja tem incentivado os membros a obterem imunização contra moléstias que podem ser evitadas pela vacina. Isto não somente protege indivíduos, mas tal cooperação ajuda a salvaguardar a saúde de toda a comunidade.

As moléstias contra as quais as crianças deveriam ser rotineiramente imunizadas incluem difteria, tosse comprida, tétano, pólio, sarampo, rubéola e caxumba. A inoculação nas crianças de acordo com a tabela a seguir, dará a elas a máxima proteção contra estas doenças.

Os pais deveriam conservar um cuidadoso registro de imunizações e verificá-lo periodicamente, para garantir que todas as imunizações sejam completadas.

Outras moléstias comuns para as quais existem vacinas são febre tifóide, cólera, febre amarela, praga, gripe, hepatite virulenta, pneumonia e tuberculose. Se residem ou viajam para áreas onde estas moléstias são comuns, um estudo cuidadoso das recomendações locais deveria ser efetuado, bem como seguir conselhos competentes no tocante às imunizações para sua família.

TABELA DE IMUNIZAÇÃO RECOMENDADA
(Do Departamento de Saúde do Estado de Utah)

Idade	Sarampo	Tétano	Pólio	Rubéola	Caxumba
2 meses		*	*		
4 meses		*	*		
6 meses			*		
15 meses	*		*	*	*
18 meses		*	*		
4-6 anos		*	*		

As perguntas incluídas neste artigo foram respondidas pelos seguintes membros da Igreja, autoridades no campo da saúde física: Dr. Winifred W. Bates, R. D.; Dr. Homer S. Ellsworth; Dr. Isaac C. Ferguson, Ph. D.; Dr. James R. Goodrich, M. H. Ed.; Dr. John M . Hill, Jr., Ph. D.; Dra. Phyllis C. Jacobson, Ph. D.; Dr. Joseph L. Lyon, M. P. H.; Susan Mendenhall, R. D.; Dr. Alton L. Thygerson, Ed. D.; e Dr. Roger R. Williams.

FALECE ÉLDER S. DILWORTH YOUNG

Com 83 anos de idade faleceu a 9 de julho último, o Élder S. Dilworth Young, membro Emérito do Primeiro Quorum dos Setenta. Ele estava hospitalizado desde 5 de julho, cinco dias depois de retornar a Lago Salgado vindo de Los Angeles, onde serviu como diretor do Centro de Visitantes do Templo de Los Angeles durante dois anos e quatro meses.

Foi chamado como Autoridade Geral em 6 de abril de 1945, quando foi apoiado membro do Primeiro Conselho dos Setenta. Era o presidente senior do Primeiro Conselho dos Setenta quando foi apoiado presidente e membro do recém-organizado Primeiro Quorum dos Setenta, a 3 de outubro de 1975. Quando a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta foi reorganizada em 1.º de outubro de 1976, Élder Young foi desobrigado da presidência e apoiado como membro do Quorum.

Élder Young tinha como esposa Huldah Parker Young, com quem casou em janeiro de 1965, no Templo de Lago Salgado. Serviu no exército dos EUA, na artilharia que embarcou para a França na Primeira Grande Guerra. O armistício foi assinado antes que ele entrasse na batalha.

De volta ao lar, serviu 3 anos na missão dos Estados Centrais. Durante 22 anos foi um executivo dos Escoteiros da América em Ogden, Utah, antes de ser chamado como autoridade geral.

Élder Young foi autor de vários livros, inclusive para crianças.

Em 1978, numa conferência geral, testificou que: "Aquele que obedece aos mandamentos e procura ter uma vida virtuosa encontrará a pérola de grande valor do conhecimento do Filho de Deus, que é nosso Salvador, e terá alegria. Além disso, quem ama e serve ao próximo, encontrará a vida eterna na presença do Pai Celestial e o Salvador."

MINHA TRANSFORMAÇÃO MODIFICOU NOSSO CASAMENTO

Nome omitido a pedido da autora

Sou casada com um não-mórmon. Embora eu deseje sinceramente que meu marido se una à Igreja, descobri que não é necessário esperar até lá para ter um casamento que seja um pedacinho do céu na terra. Sou feliz em meu lar, e meu marido o é também. Mas isso, certamente, não começou assim.

Durante os primeiros sete anos em que Brent e eu fomos casados, eu o importunava. Não muito, mas certamente meu marido sabia que ele fumava demais, saía freqüentemente com seus amigos, não ficava comigo e com as crianças o tempo suficiente, não administrava o dinheiro muito bem, bebia demais, e não ajudava o suficiente nos serviços da casa.

Eu, porém, tinha duas coisas a meu favor. Um divórcio anterior fez-me prometer solenemente que nunca deixaria Brent e que ele nunca me deixaria sem saber que eu o amava e que gostaria de que ele ficasse. Conseqüentemente, embora tivesse feito as malas por duas vezes, ele nunca partiu com elas.

O outro ponto era que nós dois éramos de natureza carinhosa e tínhamos um profundo respeito mútuo. Algumas vezes isto se escondia atrás de nossa

raiva, mas estava sempre lá. Ainda assim, seu estilo de vida criou muitas frustações em mim. Percebi que Brent não estava mudando, e minhas frustações estavam tornando nossa vida muito desagradável.

Um dia disseram-nos na Sociedade do Socorro que é a mulher quem estabelece a atmosfera do lar. Aquilo me fez refletir, e eu comecei a procurar revistas e livros que me pudessem ajudar. Sentei-me e analisei o que eu estava fazendo.

A primeira coisa que percebi foi que sete anos importunando meu marido não haviam surtido efeito algum; Brent sabia do que eu não gostava, e eu deveria parar de repetir tais coisas.

Segundo, se eu não podia modificá-lo, teria de transformar a mim mesma e descobrir um modo de viver alegremente com o que ele era. Eu precisava trabalhar em meu aperfeiçoamento, não no dele.

Terceiro, nunca iria amá-lo como deveria, se ficasse pensando constantemente que algum dia eu teria que escolher entre ele e a Igreja.

Quarto, deveria deixá-lo tomar seu lugar como o cabeça da família em todas as coisas, até mesmo em decisões que envolviam a Igreja.

Através das lições da Sociedade de Socorro, aulas da Escola Dominical, estudo pessoal das escrituras, diversos livros, e muita oração, desenvolvi um plano.

Decidi começar permanecendo alegre, quando Brent ficava fora de casa até tarde. Oração foi a chave para esta mudança. A primeira vez em que Brent chegou em casa tarde e encontrou-me de bom-humor, sua reação foi: "O que está acontecendo por aqui?"

Disse-lhe que estava desperdiçando muita energia preocupando-me com ele e que eu estava pedindo a nosso Pai Celestial que o protegesse, uma vez que era mais poderoso que eu. Também disse a Brent que ele tinha juízo bastante para livrar-se de problemas. Ele se riu, mas dentro de dois meses já me estava telefonando quando planejava ficar fora até tarde. Também começou a chegar em casa regularmente mais cedo, uma vez que tinha uma esposa agradável esperando por ele em casa. Foi difícil. Tive de disciplinar-me; quando eu não conseguia controlar-me quando ele chegava em casa depois de ter bebido até tarde, aprendi a sair. Mas os resultados valeram a pena: com nossas brigas terminadas, Brent reduziu drasticamente a bebida.

Animada com aquela boa experiência, busquei novos meios para eliminar outros pontos de discórdia.

Parei de importunar Brent para levar-nos a passear. Ao invés disso planejei atividades e noites familiares para nós, e então eu o convidava a participar conosco. Algumas vezes ele ia, outras não. Estávamos felizes por tê-lo conosco, mas prosseguíamos, quando ele dizia que estava ocupado. Também eu me convidava, se ele estava indo a algum lugar que poderíamos apreciar. Se ele dissesse não, eu não deixava que isso me aborrecesse.

E o mais importante, comecei a encontrar maneiras de comunicar a ele o meu amor. Comecei a agradecer-lhe a cada serviço que fazia e a cada elogio, presente, ajuda, gesto atencioso, e de-

monstração de afeto que ele me dava. Também comecei a elogiar o seu modo de vestir, seu senso de humor — e todos os pontos positivos que eu percebia. Não é necessário dizer que comecei a notar mais e mais as coisas boas que havia nele. Quanto mais eu as via, mais meu respeito crescia, e mais eu o amava.

Vagarosamente, aprendi a pensar nele como o cabeça da casa. Aprendi a consultá-lo e a pedir sua ajuda, quando tinha um problema, ao invés de o acusar e culpá-lo sempre que eu cometia um erro. As portas da comunicação que estiveram fechadas por anos começaram a abrir-se.

Então, cuidadosamente, comecei a pedir sua permissão para ir às atividades da Igreja ou levar as crianças a algum lugar. No início, ele dizia: "Vá em frente, você o fará de qualquer modo." Mas não fazendo as coisas que eu sabia que ele não aprovava, eventualmente aprendeu que eu respeitava seus desejos, e assim, passou a ter mais interesse no que fazíamos.

E eu comecei a me aperfeiçoar. Brent não gostava de chegar à casa e encontrar os pratos sujos, por isso resolvi estar com os pratos lavados, não importando o que mais ficava sem ser feito. Também decidi dormir mais, pois assim me tornaria mais agradável para o encontrar ao voltar para casa. Isso exigia mais eficiência do que eu possuía. Estudei, fiz um plano, e então replanejei-o. Meus filhos cooperaram, quando lhes contei que precisava de sua ajuda, a fim de tornar nosso lar um local mais feliz. Perdi algum peso, vesti-me melhor, deixei meus cabelos crescerem um pouco mais, porque sabia que Brent gostava deles assim. Trabalhei especialmente no sentido de esquecer o que eu queria que Brent fizesse por mim e concentrei-me naquilo que eu poderia fazer, para que ele pudesse sentir-se mais amado.

Já se passaram quatro anos desde aí, e estou ainda trabalhando em todas essas áreas, mas as bênçãos não podem ser contadas. Meses atrás, Brent fez-me o supremo elogio de dizer que nunca teria a confiança de iniciar um negócio hoje sem o meu apoio. Diariamente sinto-me amada e animada.

Um sorriso para nossos filhos, segurar minha mão quando andamos pelas ruas, suas brincadeiras para fazer-me sorrir, telefonemas para dizer que sente minha falta, pequenas lembranças para dizer-me "eu amo você", um convite para almoçar sem as crianças — todas estas coisas demonstram que ele me ama. E quando ele disser que quer que sejamos casados para a eternidade, eu serei completamente feliz.

Ele tem mudado enormemente. Parou de fumar, diminuiu muito a bebida, aprecia passar seu tempo conosco, e leva uma criança por vez para um passeio especial a cada poucas semanas. Ele é um marido gentil, amoroso, interessado no que fazemos, pensamos e sentimos.

Nosso amor por ele está possivelmente ajudando-o a caminhar em direção ao batismo. Mas, se ele decidir não se unir à Igreja, o amor è paz de nosso lar e o crescimento e desenvolvimento que eu tenho experimentado através da tentativa de aplicar os princípios do evangelho já são recompensas suficientes.

LIDERANDO

NO LAR E NA IGREJA

IGREJA

PERFIL DE UM LÍDER

Por Elder Mark E. Petersen
Do Quorum dos Doze Apóstolos

"Que classe de homens devereis ser?" perguntou o Salvador aos doze apóstolos nefitas, ao assumirem o ministério.

E qual foi a resposta àquela pergunta? "Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou" (3 Néfi 27:27).

Como ele é! Pensai sobre isso! Jesus Cristo é nosso modelo.

E quando ele esperava que aqueles irmãos adotassem seu padrão de vida? Não foi para qualquer amanhã ou qualquer ano no futuro. Era imediatamente. Como seus ministros, tinham responsabilidade desde aquele momento de refletir sua imagem para toda a humanidade.

Essa é a chave do modo como todos nós deveremos conduzir sua obra.

Permiti-nos, porém, perguntar: qual é sua obra? Ele diz que sua obra e sua glória é proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem (Moisés 1:39). Mas, o que é vida eterna? É tornar-se como Deus. Porque nós somos seus filhos, temos o potencial de realmente nos tornarmos perfeitos, como ele é.

Esta oportunidade é oferecida a toda a humanidade, em todas as terras e climas. Mas precisa vir através da fé em Cristo. E como as pessoas conseguem essa fé? Paulo fez a mesma pergunta nestes termos: "Como... invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não foram enviados?" (Romanos 10:14-15.)

Nós somos seus pregadores. Nós fomos devidamente enviados. Então, como conduziremos nosso ministério?

Ser Convertido

Nicodemos procurou Jesus à noite. Poderemos esquecer-nos do que o Senhor lhe disse? "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de

novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3:3).

Relacionamos este ensinamento de nascer da água e do Espírito com o batismo. Freqüentemente nos satisfazemos com a explicação de um batismo na água apenas e não damos importância ao batismo do Espírito.

Recebemos confirmação pela imposição das mãos e nos é dado o dom do Espírito Santo. Mas precisamos lembrar-nos de que nessa ordenança também recebemos uma nova vida. Se formos sinceros, literalmente nasceremos novamente. Num sentido bem real, tornamo-nos pessoas melhores e diferentes. Recebemos um novo coração. Despojamo-nos do homem pecador, como Paulo o descreve, e tomamos sobre nós o nome e a imagem de Cristo (Colossenses 3:9-10).

Necessitamos desse novo nascimento a fim de que outros possam crer através de nós que de fato Jesus foi enviado do céu por seu Pai, que ele é o Salvador, e que somos seus servos, autorizados para guiá-los no caminho da verdade. Esse é o início da salvação deles e uma extensão da nossa.

Devemos constantemente preservar o efeito de seu renascimento em nossa própria vida. Buscamos o renascimento para outros através de nosso ministério, mas não podemos dar algo que nós mesmos não possuímos. Se nossa casa não for propriamente estruturada, nós mal poderemos ser arquitetos e construtores efetivos na vida de outros.

Que classe de homens devemos ser? Deveremos ser como ele é (3 Néfi 27:27).

O Senhor ensinou muitas coisas importantes que espera de seus discípulos. Uma das lições mais profundas foi a de que deveríamos ser testemunhas vivas de que ele é o Cristo, assim convencendo outras pessoas de que seu Pai Celestial verdadeiramente o enviou ao mundo para se tornar nosso Salvador.

E ao orar por seus discípulos, também orou "por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim...

Para que o mundo creia que tu me enviaste" (João 17:20-21).

Esta é uma das definições mais precisas de nosso chamado divino que temos registrado. Que propósito! Que responsabilidade! Essas palavras deveriam ser nossa estrela guia. Mas, compreendemo-las completamente?

Elas são o âmago e a essência de nossa religião. Ninguém poderá ser salvo sem esta crença básica. Como líderes da Igreja, tudo o que dissermos e fizermos deve refletir esta grande verdade. Ele é o Filho de Deus. É divino. Foi enviado ao mundo por um decreto dos céus. Nós somos seus representantes, suas testemunhas, e ele depende de nosso trabalho, para que o mundo acredite que Deus o enviou, e assim talvez muitos viverão seu evangelho e serão salvos.

Ser um Exemplo

Como Paulo disse a Timóteo, devemos ser exemplo dos que crêem, "na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza" (I Timóteo 4:12).

Quanta atenção devemos dar à seção 4 de Doutrina e Convênios?

"Fé, esperança, caridade e amor, com os olhos fitos na glória de Deus, o qualificam para o trabalho.

"Lembra-te da fé, virtude, conhecimento, temperança, paciência, bondade fraternal, piedade, caridade, humildade e diligência...

"Pois eis que o campo está branco, pronto para a ceifa; e eis que aquele que lança a foice *com toda sua força*, põe em reserva para que não pereça, e traz salvação a sua alma" (D&C 4:5-6, 4).

Nosso lar é pedra fundamental no reino de Deus. Uma vez que somos seus servos, que tipo de vida familiar temos? O amor impera lá? Damos um exemplo cristão a nossas famílias para que elas também, através de nós, possam crer nele?

Buscamos o renascimento para os outros através de nossos esforços, mas não podemos dar algo que nós mesmos não possuímos.

Somos limpos e castos em nossos hábitos íntimos? Permitimos pecado ou imoralidade, mesmo secretamente, a erguer barreiras contra o Espírito de Deus, conservando, assim, a santidade fora de nossa vida? Ou estamos dispostos a defender a virtude, a ponto de que ela seja mais valiosa do que nossa própria vida?

Estamos livres da hipocrisia? Temos atitudes diferentes de nossas atividades diárias, quando estamos na Igreja parecendo devotos ao nosso próximo?

Poderia qualquer pessoa justificar os maus atos por causa do que fazemos ou dizemos? Ou nos levantamos acima de tais atitudes mundanas e inspiramos outros a atingirem coisas mais elevadas?

Como líderes, somos sempre o exemplo dos que crêem? Ou levantamos dúvidas na mente de outras pessoas por atitudes imperfeitas as quais podemos exibir?

Somos gentis e atenciosos com os outros? Somos honestos? Estão as nossas ações de algum modo em oposição a nossa imagem de servos de Deus?

Nós perdoamos? Somos justos? Lembramo-nos de que somos perdoados somente à medida que perdoamos os outros?

Praticamos a Regra de Ouro e fazemos aos outros o que queremos que os outros nos façam? Tudo isto se encaixa na imagem de um verdadeiro servo de Deus.

Nós somos pastores do rebanho de Deus. Esse rebanho certamente inclui tanto nossa família como outros membros da Igreja.

Sendo semelhantes a Cristo, ensinálos-emos a serem também semelhantes a ele. Sendo devotos, ensinar-lhes-emos devoção. Sendo capazes de seguir o programa, poderemos ensinar-lhes a seguir instruções.

Nós lhes ensinaremos o valor da inspiração do Espírito, compreendendo que sem ele não poderemos estar em sintonia com Deus. Se não estivermos em sintonia, seremos deixados com nossos insignificantes recursos, e qual o valor real deles?

Ser Unido

Uma das características mais impressionantes do Senhor Jesus Cristo durante seu ministério mortal era sua unidade com Deus. Ele desejava sincera-

mente que seus discípulos também entrassem naquele círculo de unidade. Era essencial para a missão. Antes de seu sofrimento no Jardim do Getsêmani, orou para que seus discípulos pudessem ser um assim como ele e o Pai eram um (João 17:20-21). E através de Joseph Smith, ele disse: "Se vós não sois um, não sois meus" (D&C 38:27).

Isto se tornou um padrão para seus discípulos em toda parte. É o alicerce de todos os nossos sucessos. Sem isso, render-nos-íamos a Satanás.

Cristo é o Príncipe da Paz. Também devemos ser mensageiros da paz. O conflito pode destruir-nos, se permitirmos que ele se manifeste. É algo que pode atingir a Igreja seriamente. Destruiu a Igreja primitiva, e pode destruir-nos também. Nós nos recordamos do que o Senhor falou sobre discórdia?

"Não haverá disputas entre vós como até agora tem havido...

"E eis que esta não é minha doutrina, ou seja, a de agitar com ira os corações dos homens, uns contra os outros; ao contrário, é preceito de minha doutrina que tais coisas devem cessar (3 Néfi 11:28, 30).

Lembramo-nos do que impediu o estabelecimento da cidade de Sião nos dias do Profeta Joseph Smith? Joseph buscou o Senhor em oração, com o coração angustiado, por causa da expulsão de nosso povo do Condado de Jackson, Missouri. Em resposta, o Senhor disse isto sobre os santos.

"Eis que te digo que havia discordâncias, contenções, invejas, contendas e desejos de cobiça e ambição entre eles; portanto, com isso corromperam suas heranças.

"Foram vagarosos em atender à voz do Senhor seu Deus; portanto, o Senhor seu Deus é vagaroso em atender às suas orações, e em responder a elas no dia de suas tribulações.

"No dia da sua paz, eles trataram com leviandade os meus conselhos; mas, no dia de suas tribulações, me procuraram por necessidade (D&C 101:6-8.) Há qualquer outro tratado melhor do que este sobre obediência?

Ser Obediente

O Senhor deu uma importante parábola através do Profeta Joseph Smith, conclamando os santos a serem mais devotos, novamente mostrando como ele espera que sigamos suas instruções divinas. Disse ele:

"Um certo nobre possuía um pedaço de terra muito boa; e disse aos seus servos: Ide a minha vinha, mesmo a esse pedaço de terra fértil, e plantai doze oliveiras;

"E fixai sentinelas ao seu redor, e construí uma torre, para que uma delas possa vigiar toda a redondeza, e ser uma sentinela na torre, a fim de que as minhas oliveiras não sejam quebradas, quando vier o inimigo para estragar e furtar o fruto da minha vinha.

"Agora, os servos do nobre foram, e plantaram as oliveiras, e construíram uma cerca viva ao redor delas, fixaram sentinelas, e começaram a construir uma torre, conforme o seu senhor lhes mandara.

"E, enquanto estavam ainda estabelecendo os seus alicerces, começaram a dizer entre si: Que necessidade tem o meu senhor desta torre?

"E consultaram-se por longo tempo,

dizendo entre si: Que necessidade tem desta torre o meu senhor, sendo que é tempo de paz?

"Não podia este dinheiro ser dado aos cambistas? Pois não há necessidade destas coisas.

"E enquanto discordavam entre si, tornaram-se muito preguiçosos e não atenderam ao mandamento do seu senhor.

"E, durante a noite, veio o inimigo e quebrou a cerca viva; e os servos do nobre se atemorizaram, e fugiram; e o inimigo destruiu o seu trabalho e quebrou as oliveiras.

"Agora, eis que o nobre, o senhor da vinha, chamou seus servos e disse-lhes: Ora, qual a causa deste grande mal?

"Não devíeis ter feito como vos mandei, e — depois de terdes plantado a vinha e construído a cerca viva ao redor, e posto sentinelas em suas muralhas — construído a torre, posto a sentinela vigiando a minha vinha, e não terdes dormido, para que o inimigo não vos atacasse? (D&C 101:44-53.)

Notem as dúvidas que foram levantadas pelos servos na vinha. Que necessidade tem o meu senhor desta torre? Que necessidade? Que necessidade?

Quão vital é que tenhamos uma atitude de completa obediência às instruções recebidas e as cumpramos em todos os detalhes!

O Senhor também nos diz: "Portanto, que agora todo homem aprenda o seu dever, e aprenda a agir com toda diligência no ofício para o qual for escolhido (D&C 107:99.) Devemos conhecer nosso chamado, e trabalhar com toda a inteligência de nossa mente, e com toda nossa força.

Ser Devotado

Então, qual é a imagem de um líder da Igreja? Deve ser a mesma que têm todos os outros fiéis ministros de Cristo.

Pode ser diferente da imagem de uma Autoridade Geral? Pode ser diferente de um bom representante regional, de um bom presidente de estaca, de um bom bispo, de um bom presidente de missão, ou de um bom presidente do quorum dos élderes?

Não somos todos nós seus servos escolhidos? Não estamos todos sob o mesmo convênio do sacerdócio? Temos algum privilégio especial? Deus faz (alguma) acepção de pessoas? (Ver Atos 10:34.)

Temos qualquer ambição de conseguir um lugar, posição, ou distinção na Igreja? É essa uma atitude cristã? E não é destituída de humildade?

A mulher de Zebedeu veio ao Senhor, buscando um lugar para Tiago e João acima daquele desfrutado pelos outros. O Senhor repreendeu-a por ter tais ambições injustificadas. "E, quando os dez ouviram isto, indignaram-se contra os dois irmãos." (Mateus 20:24.)

O Salvador, então, deixou claro que não devia haver injustiças entre eles e acrescentou: "Não será assim entre vós, mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal;

"E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo" (Mateus 20:26-27).

Em todos os casos, devoção ao dever é a senha.

Ser Produtivos

E também, o Senhor espera que sejamos produtivos. Ele nos ordena que devemos produzir muito fruto. Isto ele ilustra com a parábola encontrada no décimo quinto capítulo de João, onde diz a seus servos como conduzir sua obra. Lá ele estabelece a imagem de um verdadeiro servo de Deus.

Este capítulo começa com uma parábola referente à vinha do Senhor. Ele diz que seu Pai é o lavrador, ou o proprietário, e ele compara a si mesmo à videira na vinha. Ele diz que nós — seus trabalhadores — somos como os ramos da videira, e que somos nós que devemos produzir muito fruto na vinha do Senhor:

"Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador.

"Toda vara em mim, que não dá fruto, a tira: e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto" (João 15:1-2).

Ele esboça uma figura que deveria ser familiar a todos nós. Fala sobre podar a vinha para fazê-la produzir mais. Em sua vinha, ele nos poda — ele nos santifica, para que possamos produzir mais do seu tipo de fruto.

Fala a seguir sobre os ramos que não produzem nada por se haverem separado da parte principal da vinha. E por que eles não produzem sob essas circunstâncias? Porque a seiva nutritiva, o fluido que dá vida, é eliminado, se o ramo etá afastado da vinha. Este fato persuadiu o Senhor a dizer a seus servos: "Estai em mim, e eu em vós: como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim" (João 15:4).

E então ele acrescenta: "Eu sou a videira, vós as varas: quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (João 15:5).

Para adicionar maior importância a este tema, o Senhor diz: "Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto, e assim sereis meus discípulos" (João 15:8).

Mas há nesta escritura outra lição que devia preocupar-nos. No versículo 16, ele diz:

"Não vos escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei." Para que propósito? "...para que vades e deis frutos."

Uma das características mais impressionantes do Senhor Jesus Cristo ... era sua unidade com Deus.

Ainda há mais. Não somente ele nos escolheu, não apenas fomos ordenados para o propósito de produzir frutos, mas nós fomos também chamados e ordenados para assim trabalhar, a fim de que nosso *fruto permaneça.*

Notai as palavras: "Não vos escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e *vosso fruto permaneça*" (João 15:16).

O que isso significa? Simplesmente que devemos planejar e orar e trabalhar com o propósito de que não haja

ninguém deixando a Igreja por causa de nossa negligência, ninguém perdendo o testemunho, ninguém se tornando inativo. *Nosso fruto deve permanecer.*

Assim o perfil de qualquer servo de Deus se torna uma questão de *atitude*. Como o homem pensa em seu coração, assim ele vai trabalhar.

Esta Igreja é o reino de Deus. O mundo é seu campo, ou sua vinha. Nós somos seus servos escolhidos. O sucesso poderá ser nosso somente se ficarmos bem próximos à videira. Se assim o fizermos, ele nos dará uma promessa de ouro que é a mais desejável:

"Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito,...

"Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço em seu amor.

"Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo" (João 15:7,10-11).

(Adaptado de um discurso aos Representantes Regionais em 30 de março de 1979).

FREDA JOAN LEE

Freda Joan Lee, viúva do Presidente Harold B. Lee, décimo primeiro presidente da Igreja, faleceu a 1º de julho último, um dia após seu 84º aniversário. Estava em convalescença depois de uma queda na qual quebrou o quadril poucas semanas antes.

Como esposa do Pres. Lee, viajou todo o mundo acompanhando-o em suas designações, muitas vezes falando aos jovens. Em várias organizações educacionais de Utah era notável como professora e administradora. Embora não tenha tido filhos, era conhecida por seu amor às crianças e dedicou grande parte da vida a elas.

Casou-se com o Presidente Lee em 1963, quando ele pertencia ao Quorum dos Doze. Ele se tornou presidente da Igreja em 7 de julho de 1972 e faleceu em 26 de dezembro de 1973. Sua primeira esposa Fern Tanner Lee, faleceu em 1962.

Ela foi membro da Junta Geral da Primária, do Comitê Geral de Música e da Junta Geral da AMM. Recebeu ainda Reconhecimentos do Ricks College e da BYU.

Ouviu de seus pais muitas histórias de seus ancestrais pioneiros. Aprendeu a amar a literatura, uma de suas especialidades na educação. Freqüentou a BYU, a Universidade da Califórnia em Berkeley, a Universidade de Colúmbia e a de Utah, bacharelando-se.

Era muito ativa em organizações cívicas e no campo da educação.

Quando jovem, estava para se casar quando seu noivo, um viúvo com três filhos, faleceu. Ela se tornou mãe adotiva de uma das crianças.

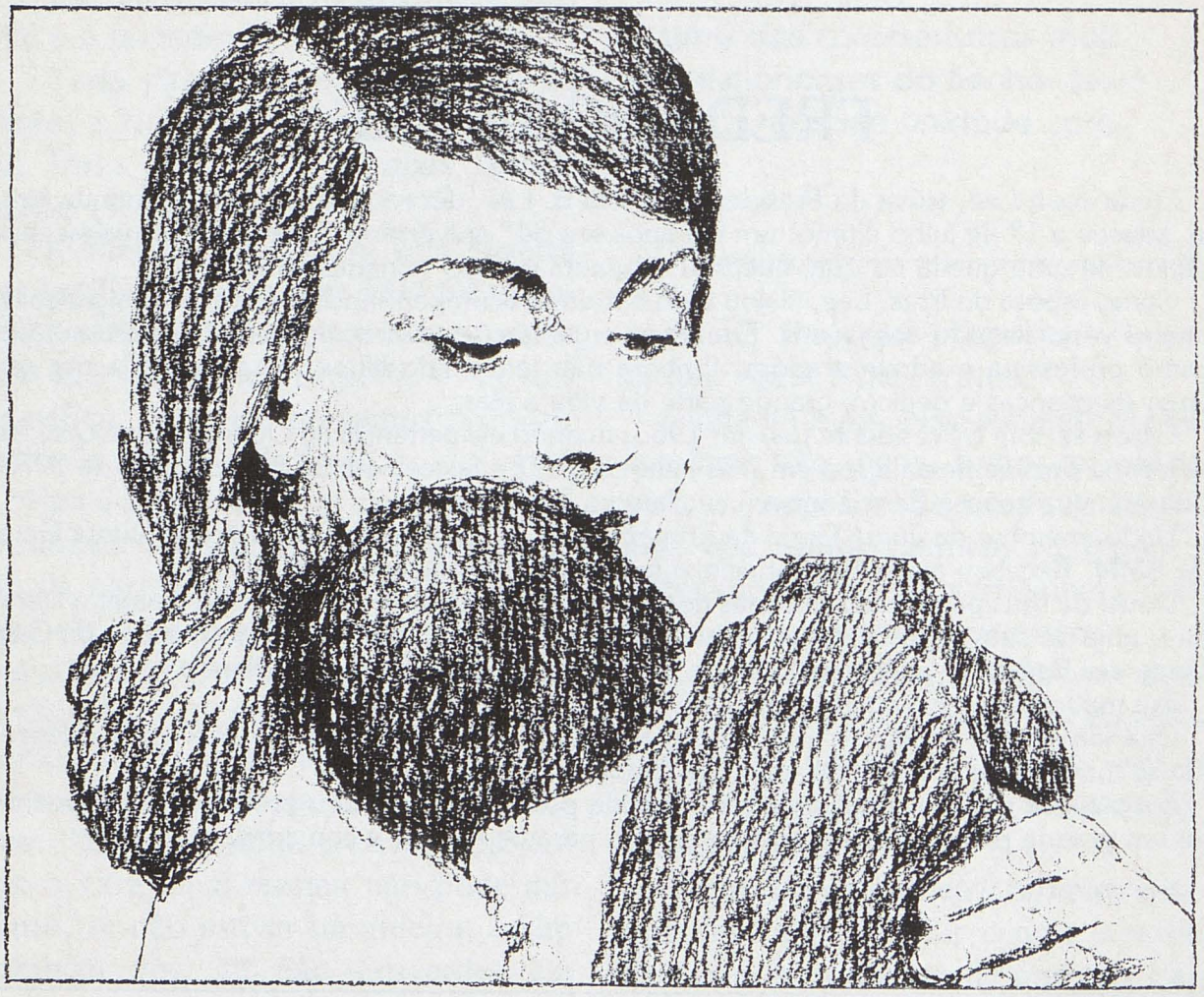
Foi pianista perfeita, qualidade reconhecida pelo Pres. Lee. Seu presente de casamento foi um grande piano, que ela sempre tocava para os amigos e convidados.

"Vou nascer em fevereiro"

Por Florence B. Nielsen

Talvez apenas os casais sem filhos possam entender o sofrimento profundo, a frustração e a inveja que podem ser desenvolvidas em nove anos e meio de um casamento sem filhos. A bênção patriarcal de meu marido prometia-lhe filhos, mas a minha não mencionava sequer o casamento. Nós pedimos e recebemos bênçãos do sacerdócio duas vezes — uma de meu pai, que era o bispo, e uma do presidente de estaca cinco anos mais tarde. A primeira prometeu filhos "no tempo em que o Senhor julgasse conveniente"; a segunda que nós não perderíamos nenhuma oportunidade para uma vida rica e plena.

O tempo se passou. Meu marido recebeu seu doutorado em junho de 1975, e com ele veio uma oferta de emprego do Brasil. Colocamos todos os nossos pertences num depósito e voamos para o Brasil com duas malas, uma sacola de livros, e um violino para



iniciar nossa nova vida.

Há muitas crianças no Brasil — a maioria delas são amadas. O pai mais pobre lhe dirá orgulhosamente como ele é rico em filhos. Mas algumas são entregues à adoção, e nós sabíamos que adotar uma criança aqui seria mais fácil que nos Estados Unidos. A despeito de nossa avidez para adotar uma criança, contudo, nós sempre sentíamos um "ainda não", quando falávamos a respeito.

Algumas semanas após nossa chegada ao Brasil — em parte por causa da língua e costumes diferentes, mas principalmente por causa de uma casa vazia — comecei a sentir saudades. Era uma solidão que eu nunca havia sentido antes. O sentimento continuou a oprimir-me até que um dia, repentinamente, senti uma doçura entrar em nosso lar. Com essa sensação veio o sentimento de que o espírito de uma criança estava lá comigo. Embora eu não pudesse vê-la, senti que estava tão ansiosa quanto eu — animada, aguardando esperançosa. E então me disse distintamente, embora as palavras não fossem ouvidas: "Vou nascer em fevereiro."

Fevereiro era o mês do carnaval. Tudo simplesmente parava, e tudo no Brasil se transformava num gigantesco festival por uma semana. Nós não participamos — ao invés disso, acabamos ajudando em uma Conferência de jovens na Igreja.

No último fim-de-semana de fevereiro, era a nossa conferência de distrito. Então o mês de fevereiro estaria terminado e não havia criança alguma, embora tivéssemos orado sinceramente, a fim de que fôssemos guiados para encontrá-la. Os oradores da conferência somente intensificaram a dor que sentíamos por causa de suas referências à importância de se ter filhos.

Na quinta-feira seguinte à conferência, uma irmã que trabalha num hospital infantil veio a nossa casa, muito animada. Havia um menino na maternidade do hospital, e a assistente social o reservaria para nós até o meio-dia do dia seguinte. Chegamos ao hospital às 7 h 30 m da manhã. Passamos a noite em claro e oramos fervorosamente para que não houvesse problemas — já tínhamos experiência suficiente para saber quão difícil é o processo de adoção. A assistente social foi muito gentil, mas a mãe havia mudado de idéia e levado a criança para casa bem cedo naquela manhã.

Por isso ela disse hesitantemente: "Temos um outro menino aqui. Gostariam de vê-lo?"

Parece que subimos um milhão de degraus indo para o berçário. Ali nos mostraram um berço de plástico claro, contendo um pequeno bebê todo enrugado. Sua pequena face se voltou para a nossa, e ele olhou para nós com olhos intensamente azuis. Nós soubemos com certeza que aquele bebê era para nós.

Por volta de meio-dia, todos os papéis do Juizado de Menores estavam prontos, e às seis da tarde fui buscar nosso filho e o levei para casa. Descobrimos que ele nasceu no dia 7 de fevereiro, mas, uma vez que pesava menos de dois quilos ao nascer, teve de ficar no hospital aproximadamente um mês. Seu estado quando veio para nossa casa era ruim. Pesava pouco mais de dois quilos e estava muito fraco para chorar. Temíamos perdê-lo.

Era domingo de jejum, e jejuamos por ele. Larry deu-lhe uma benção do sacerdócio. Naquele mesmo dia, ele começou a acordar para se alimentar, e dois dias mais tarde choramingou e virou-se no berço. Seis meses mais tarde, era um bebê normal, sorridente, com quase sete quilos, sessenta e oito centímetros e meio.

Esperamos o "tempo que o Senhor julgasse conveniente", e algumas vezes achamos difícil suportar. Sentimo-nos frustrados e zangados; choramos, esperamos, invejamos — Até mesmo tive ressentimentos durante aqueles nove anos. Mas quando o presente chegou, nós compreendemos.

Como Abraão e Sara (Gênesis 12:5), Jacó e Raquel (Gênesis 30:1), como os pais de Samuel (I Samuel 1:20) e João Batista (Lucas 1:13), meu marido e eu temos sentido a grandeza do que Deus nos deu. E observando este pequenino, e crescente dom de Deus, oramos para que nós, como eles, sejamos dignos de sua confiança.

Raymond e o ônibus

Por Kathleen Conger Ellis

Havia muita animação à medida que nossa família de oito membros iniciou nossa viagem da Califórnia para uma reunião da família em Utah. Cantávamos, antecipando um alegre fim-de-semana, mas fomos asperamente trazidos à realidade quando, próximo a um desfiladeiro, nosso pequeno carro começou a ferver. Notei um olhar perplexo no rosto de meu pai, à medida que atingíamos o topo de uma subida e ele parava no acostamento. Era um dia bem quente, e vários carros haviam parado e estavam com os capôs erguidos, esperando que os motores esfriassem. Depois que o motor esfriou, começamos a descer em direção do Vale Victor, Califórnia.

Começamos a brincar no carro, e logo depois o problema estava esquecido. A próxima parada seria em Baker, Califórnia, uma cidadezinha bem no meio do abrasante Deserto de Mojave. Sentimo-nos aliviados quando finalmente atingimos a pequena cidade e saímos do carro para tomar refrigerantes.

Ouvi meu pai perguntar ao ajudante do posto de gasolina quando o próximo ônibus passaria por Baker — indo para qualquer direção! Estava bem claro que ele não acreditava que nosso carro conseguiria fazer uma subida de

trinta e um quilômetros no outro lado de Baker. Mas o ajudante do posto disse que não haveria um ônibus antes da meia-noite. Disse que os ônibus raramente circulavam durante o dia no verão por causa do calor. O relógio marcava duas horas da tarde.

Papai e o ajudante trabalharam no carro por algum tempo. Depois tivemos um pequeno conselho de família e decidimos que deveríamos prosseguir para a reunião. Voltamos ao carro e partimos novamente — desta vez para um dos piores trechos do deserto do país. Havíamos rodado apenas vinte e nove quilômetros, quando nosso pequeno carro cansado parou de vez. Descemos para esticar as pernas, e eu ainda podia ver Baker através das ondas de calor — uma fina linha bem distante.

Meu pai era um excelente mecânico, mas era bem pouco o que ele podia fazer. Pela primeira vez entendi a seriedade de nossa situação. Aqui estávamos nós, uma família de oito pessoas, encalhados em uma parte desolada do deserto, no meio de julho, ao meio-dia. A temperatura normal do deserto nessa época do ano seria de mais ou menos 43 e 49 graus centígrados. Dificilmente passava um carro, e não era fácil as pessoas pararem lá para estranhos.

As coisas pareciam horríveis, mas não havíamos considerado a fé que nosso irmão de três anos de idade, Raymond, possuía.

Papai tentava atrair a atenção de um carro, quando Raymond disse: "Não se preocupe, papai. Eu vou falar com Deus e pedir a ele que envie um ônibus para buscar-nos."

Papai não teve coragem de dizer-lhe o que sabia sobre o horário dos ônibus no verão, e não estávamos prestando atenção nele; mas ele caminhou até uma placa da estrada, ajoelhou-se e começou a falar. Ele ficou ajoelhado por um bom tempo, mas finalmente levantou-se, andou em nossa direção, e disse: "Não se preocupe, papai. Tudo vai ficar bem. Deus está mandando um ônibus para nos apanhar." Ele era insistente: "Ele está vindo colina acima — agora — agora mesmo!"

Nós estávamos prestes a informá-lo de que um ônibus não passaria por lá antes de meia-noite, quando um ônibus apareceu e parou perto de nós. Observamos, assombrados, à medida que meu pai pedia ao motorista que nos levasse a Las Vegas, Nevada. Ele concordou, e nós ocupamos os últimos sete lugares. Papai ficou com o carro. Quando chegamos a Las Vegas, mamãe telefonou a nosso tio e pediu-lhe que fosse apanhar papai.

Finalmente chegamos a Parowan, Utah, e passamos bons momentos com nossos parentes. De fato, meus dezesseis anos de pesquisas genealógicas começaram naquele dia. Mais tarde, quando papai falou sobre nossa provação, disse que, quando o motorista abriu a porta, comentou: "Não sei por que estou parando. Estou horas atrasado. É norma da companhia não parar no deserto, mas simplesmente senti que devia parar."

Nós sabíamos por que ele parara. Foi por causa de nosso irmão, Raymond, e seu relacionamento muito pessoal com o Pai Celeste.

"RESPOSTA NA COZINHA"

por Sue Ann Crockett

Aprendi que o Espírito nos fala usando maneiras peculiares

Há uma escritura em Doutrina e Convênios, seção 8, que me fascina. É aquela que diz: "Tão certo quanto vive o Senhor, que é teu Deus e teu Redentor, assim também receberás o conhecimento de quaisquer coisas que pedires com fé e com coração honesto, crendo que receberás...

Sim, eis que eu falarei a tua mente e a teu coração, pelo Espírito Santo, que virá sobre ti e habitará em teu coração" (D&C 8:1-2).

Como esse pensamento é poderoso! Uma promessa do Senhor de que uma manifestação do Espírito pode ser nossa. No meio da investida violenta de problemas que tenho enfrentado de tempos em tempos, sinto que tenho recebido tais manifestações — talvez não tão intensas, nem o perceptível "ardor no peito" prometido a Oliver Cowdery (ver D&C 9:8), mas ainda era um sentimento que vinha do Espírito. Sou muito grata por essas experiências; mas levou anos para que eu aprendesse como *reconhecer* uma manifestação do Espírito para *mim*.

Por exemplo, quando tive de enfren-

tar a decisão de com quem eu devia casar-me, pensei ter reconhecido o Espírito, dizendo "Vá em frente, está correto." A mensagem foi simples; mas eu havia esperado algo mais, como relâmpagos e trovões. Então as dúvidas começaram a enevoar o que um dia havia parecido tão claro. Reavaliei minha decisão, orei a respeito — e cheguei à conclusão de que minha primeira decisão era correta. Por que a resposta não veio como um terremoto? Se tivesse, não teria experimentado aquelas dúvidas. Pelo menos eu assim o pensei.

Houve outras ocasiões em que senti a influência do Espírito, mas assim mesmo não a reconheci, apenas porque ela parecia tão simples. Incerta a respeito do que havia experimentado, eu hesitava e dizia a mim mesma algo como "É uma boa idéia, mas estou muito ocupada agora," ou "Devia seguir meu impulso e telefonar-lhe, mas talvez tenha tempo de fazê-lo amanhã." Mais tarde, eu descobriria que minha idéia teria ajudado a mim mesma ou a outras pessoas. Naquelas ocasiões eu pensava, "Aquilo deve ter sido a influência do Espírito! Agora, o que foi mesmo que eu senti?"

Uma sábia amiga disse-me que sempre *provasse* o Espírito quando chega, e eu certamente o reconheceria novamente. À medida que o tempo avançava, sempre ignorei aquele conselho, mas nunca o esqueci completamente. Um dia, tive uma experiência que me convenceu a seguir seu conselho mais cuidadosamente.

Era um dia como qualquer outro. Meu filho com dezoito meses de idade estava brincando, bem debaixo dos meus pés, e eu pude sentir a tensão aumentar. Seja lá o que for que eu estava fazendo, parecia mais importante do que prestar atenção àquele pequeno rosto gorducho sorrindo para mim. A tensão continuou a crescer, até o ponto em que eu estava pronta a repreendê-lo, quando repentinamente (deve ter sido um sentimento de culpa ou uma combinação de coisas que fez com que eu mudasse), eu me vi ajoelhada ajudando-o a construir sua cidade de blocos. Foi quando aquilo aconteceu: minha própria marca de comunicação do Espírito, e *desta* vez eu a reconheci.

Não houve fanfarra, nem um raio chocando-se contra a janela, nem um ardor no peito; apenas um calmo, cordial fluido de pensamento que me invadiu toda. Lágrimas vieram-me aos olhos, e enquanto eu puxava meu garotinho para mais perto de mim, o Espírito disse: "Isto é o que você deve fazer. Você está correta ao passar algum tempo com seus filhos."

Simples: Sim. Espiritual: Sim. Um ardor em minha alma? Bem — não tanto um ardor como um sentimento calmo. *Era* o Espírito do Senhor.

Desde aquele dia, tem havido testemunhos semelhantes dados a mim, cada um tendo maior impacto do que o anterior. Embora duvide que um dia possa escrever um livro sobre os fundamentos da revelação, conheço a satisfação e alegria que vem àquele que aprendeu a reconhecer as manifestações espirituais, não importando quão quietamente elas vêm.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Daniel Ludlow, ex-diretor de apoio didático do SEI, servindo atualmente como presidente de missão.

Perguntas de interesse geral respondidas para orientação, não como declarações oficiais das normas da Igreja.

Que leis governam a hereditariedade da primogenitura no Velho Testamento?

Diversos costumes e tradições dos hebreus são relacionados a esta pergunta, a saber, governo patriarcal, primogenitura e poligamia.

Os patriarcas do Velho Testamento normalmente governavam diretamente suas famílias — suas esposas, filhos, filhas solteiras, famílias dos filhos, e assim por diante. Quando o pai morria, era sucedido como cabeça da família por um filho.

Para que não houvesse disputas quanto a qual filho sucederia o pai, a prática da primogenitura ou lei do direito do primogênito foi desenvolvida. (*Primo* quer dizer "primeiro"; *genitura* tem a ver com nascimento.) Devido à morte do pai, o filho primogênito (mais velho) se torna o cabeça da família. Como este era seu direito por causa da ordem de seu nascimento, ele era mencionado como o filho *primogênito* (ver Gênesis 43:33). Ao filho primogênito era designada uma porção dupla (duas vezes maior do que a dada a qualquer outro filho) da herança do pai — uma porção como um filho, a segunda porção como o novo cabeça responsável pela família (ver Gênesis 48:22; Deuteronômio 21:17), incluindo o cuidado por sua mãe e irmãs solteiras. Como filho primogênito, sob a ordem de Aarão, ele também possuía o direito de presidir a família.

Quando o pai tinha somente uma esposa, não havia dúvidas quanto a quem seria o filho primogênito. Contudo, naqueles dias o Senhor

permitia que alguns de seus patriarcas tivessem mais de uma esposa (poligamia). Assim, o pai poderia ter diversos filhos "primogênitos", possivelmente um filho de cada uma das esposas. Assim a questão erguida naturalmente era para qual filho primogênito de que esposa se tornaria o cabeça de toda a família, após a morte do pai. O costume e a tradição indicavam que o filho da primeira esposa seria o filho primogênito, enquanto ele provasse ser digno. Somente em caso de desmerecimento ou morte o direito de primogenitura passaria ao primogênito da segunda esposa. Nenhum dos outros filhos nascidos após o primogênito era considerado para possuir o direito de primogenitura, a menos que todos os filhos primogênitos fossem indignos.

Uma compreensão destes costumes ajuda a se entender os seguintes episódios da Bíblia concernentes ao "direito de governar" entre os patriarcas.

ISAQUE E ISMAEL

A Bíblia indica três esposas para Abraão: Sara, Hagar e Keturah. Hagar, a segunda esposa, foi a primeira a ter um filho, Ismael. Ismael era, portanto, o filho primogênito de Abraão *contanto que a primeira esposa (Sara) não tivesse um filho.* Quando Sara deu à luz Isaque, Isaque conservou a primogenitura, porque era o filho primogênito da primeira esposa.

JACÓ E ESAÚ

A Bíblia indica Rebeca como a única esposa de Isaque, e daquele casamento nasceram dois filhos gêmeos: Esaú, o primogênito, e Jacó. Como o filho primogênito da primeira esposa, Esaú era o filho primogênito de acordo com a prática da lei da primogenitura. Contudo, Esaú provou ser indigno da primogenitura, porque não se casou dentro do grupo do convênio, conforme o desejado por seu pai e sua mãe (Gênesis 26:34-35). Também, Esaú, pelo menos temporariamente, perdeu o direiro à primogenitura e vendeu-a a Jacó, por "pão e um guisado de lentilhas" (Gênesis 25:29-34; Hebreus 12:16). Jacó, o segundo filho nascido, tornou-se o filho com direito à primogenitura de Isaque. Mesmo antes do nascimento dos gêmeos, o Senhor informou a Rebeca: "Duas nações há em teu ventre... e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor" (Gênesis 25:23). Este fato deve ser lembrado para se entender por que Rebeca desejava que seu marido Isaque desse a maior bênção a Jacó.

JOSÉ E RÚBEN

Jacó, também conhecido como Israel, casou-se com pelo menos quatro esposas na seguinte ordem: Léia, Raquel, Bila, e Zilpa. Destas

esposas, Jacó teve doze filhos (alistados na ordem de seu nascimento, com o nome da mãe entre parênteses: (1) Rúben (Léia), (2) Simeão (Léia), (3) Levi (Léia), (4) Judá (Léia), (5) Dan (Bila), (6) Náftali (Bila), (7) Gade (Zilpa), (8) Aser (Zilpa), (9) Issacar (Léia), (10) Zebulon (Léia), (11) José (Raquel), e (12) Benjamin (Raquel).

Como o primogênito da primeira esposa, Rúben era o filho com o direito à primogenitura. Quando Rúben provou ser indigno cometendo adultério com Bila (ver Gênesis 35:21-22; 49:3-4), o direito de primogenitura foi para o filho primogênito de Raquel (ver I Crônicas 5:1). Embora José fosse o décimo-primeiro filho em ordem de nascimento, ele era o segundo na ordem da lei da primogenitura, porque era o primogênito da segunda esposa. Jacó fez uma túnica especial para José, a fim de que os outros irmãos reconhecessem o direito de José de presidir a família, no caso da morte do pai.

EFRAIM E MANASSÉS

Pelo que a Bíblia indica, José teve apenas uma esposa, Asenate, e eles tiveram somente dois filhos: Manassés, o primogênito, e Efraim (ver Gênesis 41:50-52). Quando José trouxe seus dois filhos para que seu avô Jacó lhes desse uma bênção de pai (ou benção patriarcal), é óbvio que José esperava que Manassés recebesse a bênção maior, e desagradou a José, quando Jacó "pôs a Efraim diante de Manassés" e deu a maior bênção ao filho mais jovem (Gênesis 48:17-20). Nem a Bíblia, nem as escrituras modernas explicam especificamente por que Jacó abandonou a prática usual da lei da primogenitura, mas a Tradução inspirada de Joseph Smith (Gênesis 48:5-11) e Doutrina e Convênios (133:32-34) indicam que Jacó foi dirigido pelo Senhor ao dar a maior bênção a Efraim. Assim, Efraim recebeu o direito à primogenitura de José, e José recebeu o direito à primogenitura de Jacó (Israel). Em certo sentido, então, Efraim é o filho primogênito de Israel, como confirmado pelo Senhor através de seu profeta Jeremias: "Sou um pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito" (Jeremias 31:9).

O PRESIDENTE KIMBALL VOLTA AO TRABALHO

O Presidente Kimball foi hospitalizado em 27 de junho p.p., para a pequena cirurgia de ajustar o marca-passo que lhe foi implantado em 16 de maio. Durante a operação sob anestesia local ele manteve-se calmo e disposto, conversando com as pessoas.

Esperava-se que o Pres. Spencer W. Kimball ficasse dois dias descansando após ter recebido alta do hospital. Portanto, os funcionários da Igreja ficaram surpresos, mas não de todo, ao encontrá-lo trabalhando em seu escritório bem cedo na manhã seguinte, e os médicos disseram que o líder da Igreja de 86 anos estava em excelentes condições.

"VEDE, POIS, COMO OUVIS"

(Lucas 8:18)

por John A. Green

Alguns anos atrás, compareci a uma conferência de ramo, onde aprendi uma lição que nunca esquecerei. O presidente do ramo e o primeiro conselheiro haviam falado. Agora era a vez do segundo conselheiro. Dei uma olhadela nele, à medida que ele se movia, com clara inibição, para o púlpito.

Meus olhos o seguiram quando ele olhou para a congregação. Dois ou três dos membros tinham os olhos fechados, aparentemente dormindo, e várias mães tentavam, sem sucesso, fazer com que seus filhos ficassem quietos. Apenas o presidente da missão, que havia escolhido sentar-se com a congregação, estava olhando direta e atentamente para o orador, com uma expressão de interesse e atenção.

"Meus irmãos e irmãs", confessou o segundo conselheiro, corando, "Falar na Igreja é muito difícil para mim." Parou desajeitadamente. "Eu o estou fazendo hoje, porque o presidente me pediu que lhes dissesse algo. Creio que este é o segundo discurso que profiro em minha vida, e desde que não me sinto muito confiante para explicar o evangelho, copiei um discurso de um livro que tenho em casa."

Suas mãos poderosas e calejadas tatearam o bolso do paletó. Grossas gotas de suor repentinamente começaram a se acumular em sua sobrancelha; o discurso não estava lá. Nem estava em nenhum dos bolsos. Senti pena dele.

"Preste seu testemunho", pensei, esperando que de algum modo ele pudesse receber minha mensagem, mas para ele aparentemente era o discurso copiado ou nada. Não o encontrando nos bolsos, saiu do púlpito e caminhou para o corredor na direção dos casacos que estavam pendurados na parte de trás do salão.

Por um instante, pensei que ele iria simplesmente colocar o casaco e sair, mas ele estava atrás do discurso. E estava lá, num dos bolsos. Vagarosamente, ele retornou pelo corredor, desdobrando com cuidado as páginas escritas a mão, enquanto voltava. De novo

no púlpito, começou a ler nervosamente e com claro embaraço, algumas vezes corrigindo seus erros, outras vezes não.

Sentia-me inconfortável com ele, e sentia-me inconfortável *por* ele. Porém, mais do que tudo, estava ciente de sua falta de capacidade. Ainda assim, o Espírito estava prestes a ensinar-me uma grande verdade.

Começou com uma alfinetada dentro de mim que parecia traduzir a si mesma em uma pequena voz, e pelos próximos minutos, mantive um diálogo comigo mesmo:

"Você poderia fazê-lo muito melhor", ouvi meu "outro eu" dizer.

Contorci-me inconfortavelmente, mas concordei que provavelmente eu poderia.

"Se você tivesse uma oportunidade, certamente ensinaria algumas coisas a este homem", persistia a voz. "Você tem um grau de doutor na universidade, é um setenta, o presidente da missão do distrito...

Esta voz era muito franca. Olhei para a audiência. A maioria, por polidez ou embaraço, não estava olhando para o orador. Apenas o presidente da missão ainda olhava atenta e respeitosamente para ele.

"É irônico!" o "outro" prosseguiu. "O bom orador está sentado aqui e o pobre está lá em cima, no púlpito."

A discussão estava-se tornando insuportável. Tentei calar a voz desesperadamente procurando seguir o discurso, mas a falta de jeito e os erros tornavam isso impossível.

"O que você irá aprender dele?" perguntou a pequena voz, determinada a continuar me cutucando.

"Não sei", respondi impacientemente, "mas as chances são de que eu posso aprender algo, se o escutar. "

"Quer dizer que você não tem escutado?"

"Não, eu tenho estado envolvido nesta discussão tola!"

"Então não aprendeu nada dele até agora?"

"Não".

"E desde que ele começou a falar, você não contribuiu em nada para o espírito desta reunião?"

"Não..."

"Você acha que este orador necessita de ajuda?"

"Sim."

"Você quer ajudá-lo?"

"Sim, eu quero."

"Pois ajude-o," disse a voz. "Escute e contribua..."

Parei com o diálogo naquele ponto. Consideravelmente perturbado por aquele debate comigo mesmo, fechei os olhos e orei honestamente a meu Pai Celestial, reconhecendo que *eu* era um dos que necessitavam de auxílio, suplicando-lhe que me deixasse contribuir para o espírito da reunião. "Ajudai-me", eu pedia, "a escutar da forma como eu devo escutar."

Ergui a cabeça, olhei para o orador, e concentrei todo meu esforço para ver que minha oração fosse respondida.

Nos últimos minutos do discurso do homem, uma coisa incomum aconteceu. Por dez anos um problema me

aborrecia, uma questão de doutrina. Eu deveria conhecer a resposta: minha experiência na Igreja e meu estudo das escrituras deveriam tê-la dado para mim. Não era nada que pudesse abalar minha fé ou corroer meu testemunho, mas que me havia iludido por dez anos. Pois ouvi minha resposta aquele dia. Eu me havia sentado sempre em conferências com o som da voz de um profeta, mas talvez nunca tivesse realmente escutado até aquele dia, quando a resposta chegou até mim, através do segundo conselheiro do ramo. Ele a leu gaguejando, inseguro, mas a mensagem ardeu dentro de minha alma como se tivesse sido gravada com fogo.

Estou agora convencido de que ele me havia ensinado pelo Espírito. Mas estou igualmente convencido de que não teria sido beneficiado com seu discurso, se não tivesse feito o esforço de escutar pelo Espírito. Acima e além de receber a resposta da pergunta que me havia importunado durante dez anos, aprendi que o chamado para escutar é tão importante quanto o chamado para falar ou ensinar. O próprio Jesus ensinou em sua nativa Nazaré; mas eles não o ouviram, e não lucraram nada.

Essa experiência me ensinou algo sobre minhas limitações. Ensinou-me que pessoalmente eu preciso fazer um contínuo esforço para escutar espiritualmente em minhas reuniões e aulas. Acredito que isto exige preparação de minha parte, tanto quanto exige preparação da parte dos oradores e professores.

Acredito que há grandes coisas armazenadas, se eu puder desenvolver a habilidade de escutar pelo Espírito. E creio que, escutando desse modo, posso pessoalmente contribuir para o espírito de qualquer reunião ou aula a que assista.

Minha experiência naquela conferência de ramo confirma minha crença de que a mensagem do Salvador não se modificou. "Quem tem ouvidos para ouvir", dizia ele freqüentemente, "ouça" (Mateus 13:9; ver também Marcos 4:9). E, advertiu, "Vede pois como ouvis" (Lucas 8:18).

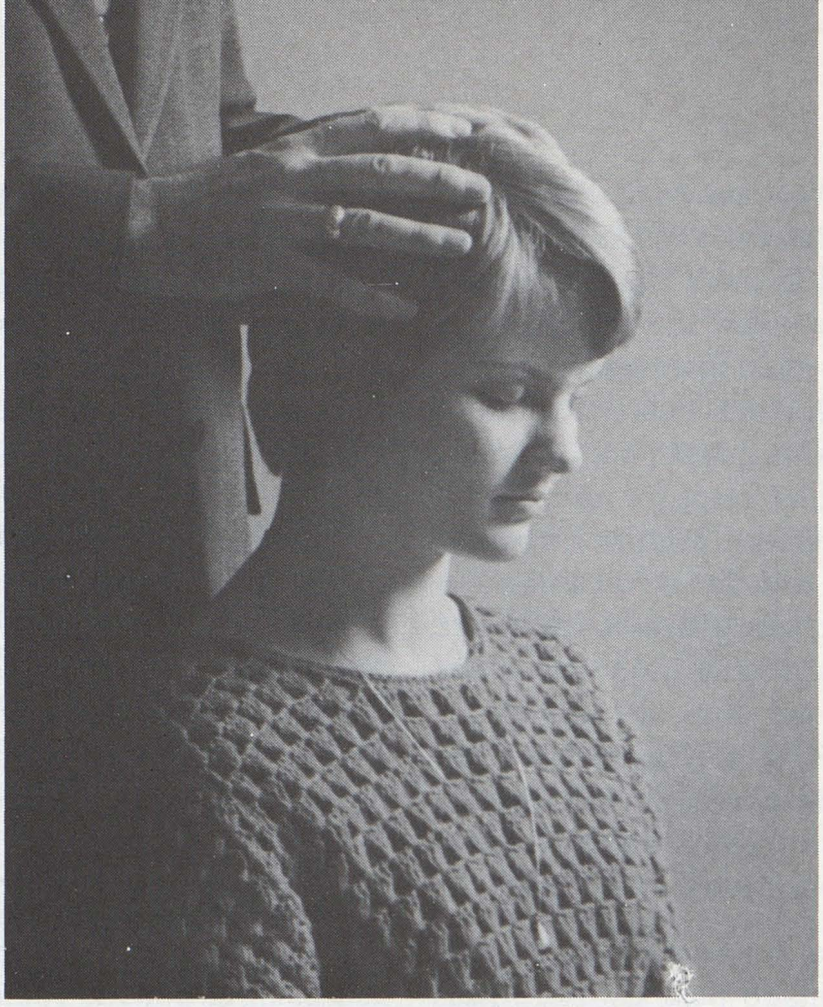
Suspeito que, se eu desenvolver a habilidade de ouvir como o Salvador aconselhou, poderei começar a participar em mais reuniões, tal como nesta descrita em Atos:

"E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus.

"E era um o coração e a alma da multidão dos que criam" (Atos 4:31-32).

Ao tomar decisões, revelação do Senhor é disponível a cada um que se qualificar e pedir.

(Marion G. Romney)



BÊNÇÃO PATRIARCAL

por Elder LeGrand Richards
do Quorum dos Doze Apóstolos

A fim de realmente compreender o chamado de um patriarca e a importância de se dar bênçãos patriarcais, as pessoas precisam entender a vida pré-mortal do homem. Se nosso início tivesse sido quando nascemos nesta terra, seria muito difícil entender o chamado de um patriarca.

O irmão John A. Widtsoe (1872-1952 - antigo membro do Quorum dos Doze Apóstolos), viajou para a Inglaterra durante a Primeira Guerra Mundial, e o oficial inglês de imigração que o entrevistou disse: "Não, não vamos deixar o senhor entrar no país. Temos permitido a entrada de seus missionários, mas não queremos nenhum de seus líderes." E disse: "Vá e sente-se." Então Irmão Widtsoe foi e sentou-se.

Poucos minutos depois, o oficial chamou-o novamente e disse: "Se eu o deixar entrar em meu país, o que o senhor ensinará a meu povo?" E o Dr. Widtsoe disse: "Eu lhes ensinarei de onde vieram, por que estão aqui, e para onde estão indo." O oficial olhou para

ele e perguntou: "Sua igreja ensina isso?" E o Irmão Widtsoe disse: "Sim, ensina."

"Bem, a minha não," disse, e entregou-lhe seu passaporte carimbado, assinou-o e disse: "O senhor pode entrar."

Se não soubermos para onde estamos indo, então somos apenas como um navio no oceano sem um leme, sem ninguém para pilotá-lo. Somos atirados para frente e para trás com o vento e as ondas. Mas, se entendemos de onde viemos, por que estamos aqui, e para onde iremos, será muito provável que atingiremos o porto desejado. Esse é realmente o propósito de uma bênção patriarcal; ser capaz de interpretar e nos revelar, através da inspiração do Todo-Poderoso, por que nós estamos aqui e o que é esperado de nós, para que possamos preencher a medida de nossa criação aqui na terra.

Lemos no versículo 29 da seção 93 de Doutrina e Convênios, "O homem também no princípio estava com Deus. A inteligência, ou a luz da verdade, não foi criada nem feita, nem pode deveras ser feita."

Nós estávamos no princípio com Deus. Na seção 76 de Doutrina e Convênios, é nos dito que somos filhos e filhas gerados para Deus. Não vou entrar em detalhes sobre como emergimos de inteligência para seres espirituais, mas Deus ficou no meio delas, e ele era o mais inteligente de todas, de acordo com a revelação, e estávamos lá com ele. Daí, não tendo um princípio, não temos um fim. Refiro-me à declaração repetida freqüentemente que o Senhor fez a Abraão: "Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abraão, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo; e entre todas estas havia muitas nobres e grandes.

"E Deus viu estas almas que eram boas, e ele ficou no meio delas e disse: A estes farei meus governantes; porque ele estava entre os que eram espíritos, e viu que eram bons; e disse-me: Abraão, tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres." (Abraão 3:22-23.)

Não apenas Abraão foi escolhido antes de nascer, mas muitos outros dos quais temos registro, e a única razão pela qual foram escolhidos antes de nascerem, é que Deus os conhecia. Ele estava em seu meio, o grande e o nobre, e naturalmente, todos os outros espíritos, mas esta referência particularmente diz que ele estava no meio dos espíritos nobres e grandes. Dentre todos aqueles espíritos nobres que estavam para vir à terra, o mais maravilhoso, naturalmente, era Cristo, nosso Senhor, o primogênito, o Filho de Deus. Satanás era outro e, sem entrar em detalhes, Satanás era uma estrela da manhã, um dos espíritos brilhantes, mas por causa de seus atos, ele foi expulso para a terra e trouxe consigo um terço das hostes celestiais.

Porque esses espíritos viveram e eram conhecidos — porque Deus os conhecia — todos os profetas falaram do trabalho de Cristo e do que ele faria, muito tempo antes de que houvesse nascido neste mundo. Declararam com minúcias a respeito de sua vida, seu ministério, sua crucificação, até mesmo que os homens iriam lançar a sorte sobre suas roupas no momento em que ele seria morto. E tudo aquilo foi pos-

sível, porque ele era conhecido por Deus.

Vamos considerar João Batista. Lembrai-vos de que o anjo Gabriel apareceu a Zacarias e disse-lhe que sua esposa Isabel daria à luz um filho e que ele seria um precursor para preparar o caminho da vinda do Redentor do mundo. Se ele tivesse tido o seu início sem aquela existência espiritual, pareceria quase incrível pensar que alguém poderia dizer qual a natureza do Espírito que estava prestes a nascer no mundo.

Nas palavras de Isaías, "Conhecidas de Deus eram todas as suas obras desde o princípio." Ele não tem que esperar para que as coisas aconteçam aqui na mortalidade, porque ele decretou que determinadas coisas e objetivos deverão ser atingidos, e fez as preparações e provisões adiantadas, enviando certos espíritos para o seu tempo determinado. Sua vida e seu ministério são conhecidos de Deus antes deles nascerem, tanto quanto o era a missão e ministério de seu único Filho Unigênito. É por isso que Gabriel pôde anunciar a vinda de João e sua grande missão no mundo.

Considerai também a missão de João, o Bem-amado, o apóstolo do Senhor Jesus Cristo. Deus não precisou esperar até que João, o Bem-amado, vivesse sobre a terra para saber qual era sua missão aqui. João já se havia preparado no mundo eterno para a grande missão à qual ele fora chamado. É por isso que 600 anos antes de Cristo, um anjo de Deus poderia revelar a Néfi as coisas que João realizaria, (ler I Néfi 14:20-27). A missão de um patriarca é revelar os chamados do Senhor a seus filhos aqui na terra, a fim de que eles tenham alguma idéia do que o Senhor espera deles, enquanto estiverem aqui na mortalidade.

Há uma promessa maravilhosa concernente à missão de Joseph Smith, o vidente e profeta "como Moisés" (2 Néfi 3:9), que ele não deveria fazer outro trabalho, a não ser aquele o qual o Senhor lhe ordenaria, e que o trabalho que ele faria, pelo poder de Deus deveria trazer muitas pessoas à salvação

---

Se não soubermos para onde estamos indo, somos apenas como um navio no oceano sem um leme.

(ver 2 Néfi 3). Então, vedes, se um patriarca teve a inspiração de seu chamado a fim de que soubesse e recebesse de Deus o conhecimento do que Joseph Smith era, seria uma coisa muito simples para ele impor as mãos sobre a cabeça de Joseph e indicar-lhe os poderes de liderança. Seria simples, porque Joseph Smith veio em seu dia e tempo de acordo com o chamado do Todo-Poderoso.

Eu vos recordo de Jeremias que foi chamado para ser um profeta.

"Assim veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: "Antes que te formasses no ventre te conheci, e antes que saísses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta.

"Então disse eu: Ah! Senhor Jeová!

Eis que não sei falar; porque sou uma criança'' (Jeremias 1:4-6).

Sabendo todas estas coisas, não é difícil de se entender a missão de um patriarca. O Apóstolo Paulo compreendeu que o Senhor chamou os homens antes de nascerem. Aqui estão alguns versos do primeiro capítulo de Efésios:

''Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos santos que estão em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus.

''A vós graça, e paz da parte de Deus nosso pai e da do Senhor Jesus Cristo.

''Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo;

''Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade'' (Efésios 1:1-4).

Então vedes, aqueles a quem Deus escolheu antes da fundação do mundo — e eu gostaria de prestar testemunho a vós de que a maioria de nós que nascemos sob o novo e eterno convênio, e aqueles de nós que temos dado ouvidos aos mensageiros das verdades eternas e as temos aceito, estamos sob esta promessa — ele nos chamou do mundo para sermos seus líderes, para sermos uma luz para o mundo. E o que aconteceria, se nossa luz desaparecesse da visão dos homens? O que aconteceria, se alguns de nós nos desviássemos da grande missão para a qual o Senhor nos chamou, e para a qual ele nos ordenou, mesmo antes da fundação do mundo? Um dos propósitos das bênçãos patriarcais é o de nos dar a inspiração que nos tornará capazes de completar nossa missão aqui na terra, que seremos dignos do grande chamado que veio a nós antes da fundação do mundo.

Tive o privilégio, como um membro do Quorum dos Doze, de ordenar inúmeros patriarcas, o primeiro a quem ordenei me disse: ''Eu não acredito que serei capaz de exercer este importante cargo.'' Recebi uma carta sua poucas semanas após sua ordenação, que dizia algo assim: ''Não pensei que pudesse fazê-lo, mas agora tenho lido as bênçãos que tenho dado, e sei que eu não as dei. Foi o Senhor quem as deu, ou não poderiam ter sido feitas da forma como o foram.''

Eu estava em certo lugar da Igreja há pouco tempo atrás, e ouvi esta história: dois rapazes procuraram o patriarca para receber suas bênçãos. O patriarca conhecia um dos rapazes muito bem, e para o que ele conhecia, disse: ''Tenho uma bênção maravilhosa para você.'' Ele abençoou o outro rapaz primeiro. Depois colocou as mãos sobre a cabeça do rapaz a quem havia prometido uma bênção maravilhosa e não pôde dar-lhe a bênção de maneira alguma. As palavras simplesmente não vinham. Finalmente, ele teve que dizer: ''Você terá que voltar daqui a algum tempo.''

O Senhor fez aquele patriarca saber que nenhum patriarca tem uma bênção para alguém. As bênçãos são do Senhor, e quando os homens querem as honras para si próprios, falando por seu próprio poder, pela própria inspiração, nada têm a oferecer. É o Senhor quem tem as bênçãos para dar, e o patriarca é somente o meio pelo qual o Senhor trabalha para dar as bênçãos.

Não sei de nada mais maravilhoso

que as bênçãos dadas por Moisés e por Jacó às doze tribos de Israel. A José foi prometida uma nova terra na "extremidade dos outeiros eternos" (Gênesis 49:26), que seus ramos correriam sobre o muro, e que ele seria abençoado com as bênçãos do céu acima e da terra abaixo. Talvez nem Jacó, nem Moisés, que deram as bênçãos, tivessem qualquer idéia de onde ficava a nova terra que Deus daria a José ou onde os ramos da grande casa de Israel deveriam ir, quando eles corressem sobre o muro. Nem mesmo os patriarcas entendem todas as bênçãos que dão.

A missão de um patriarca é revelar os chamados do Senhor a seus filhos aqui na terra.

Visitei um patriarca um tempo atrás. Ele me contou sobre uma bênção que deu a uma mulher vinda de uma das missões. Entre outras coisas, disse a ela que seus progenitores haviam dado uma grande contribuição à restauração do evangelho nestes últimos dias. Após a bênção, ela disse: "Acho que o senhor cometeu um engano desta vez. Eu sou recém-convertida à Igreja; sou a primeira pessoa de minha família a se unir à Igreja."

"Bem," disse o patriarca, "Não sei nada a esse respeito. Tudo o que sei é que me senti inspirado a dizer-lhe isto. "Quando ele me contou a história, ela havia acabado de ir à biblioteca genealógica e descoberto que alguns de seus parentes — seus bisavós ou seus tetravós — fizeram grandes sacrifícios no início da Igreja. Uma parte da família havia ido para o leste e sido convertida. Ela descobriu que descendia de alguns dos primeiros pioneiros. O patriarca não sabia disso, por si mesmo. Falara sob a inspiração do Espírito Santo. Estava no Arizona há poucos anos atrás, e o presidente da estaca contou-me algo ocorrido a um de seus rapazes que havia sido chamado para cumprir missão. O moço foi procurar o patriarca antes de partir, e este lhe deu uma bênção. Disse ao rapaz que este deveria ficar satisfeito com a designação que receberia. E disse: "Você verá inundações à direita e inundações à esquerda, mas sua vida será protegida e preservada." Ele foi designado para a Missão dos Estados Centro-Leste, e enquanto lá servia, houve uma grande inundação. O missionário ficou ilhado em Louisville, Kentucky, numa casa da qual ele teve que ser resgatado por um barco, e viveu para ver as inundações à direita e inundações à esquerda. Agora, eu vos pergunto, como poderia um patriarca ter sabido, quando deu aquela bênção, exceto pela inspiração do Todo-Poderoso?

Fui criado no lar de um patriarca; meu pai foi chamado para ser um patriarca aos 33 anos de idade. As primeiras bênçãos que deu foi para nós, rapazes. Eu tinha oito anos de idade. Havia três de nós, e se pegásseis essas bênçãos hoje — eu o fiz no outro dia — e as colocásseis uma ao lado da outra, nos conhecendo, mas não podendo ver os nomes nas bênçãos, não teríeis nenhuma dificuldade para indicar a bênção que pertencia a cada um de nós.

Meu pai me disse que eu não havia vindo à terra por acaso, mas em cumprimento dos decretos do Todo-Poderoso. Ele prosseguiu, contando-me algumas coisas que eu teria para fazer no estabelecimento do reino de Deus. Esta bênção tem sido uma inspiração para mim desde aí, a minha oração constante tem sido que eu possa viver dignamente, para que qualquer acontecimento de sua divina providência a meu respeito nunca passe e não aconteça porque eu não havia sido digno do trabalho que ele tinha para mim.

Deus vos abençoe para que saibais de onde viestes e sobre os grandes privilégios que são vossos. Se o véu pudesse ser erguido e pudésseis ter um vislumbre do grande plano eterno de Deus concernente a vós e ao que sois, não seria difícil para vós amá-lo, guardar seus mandamentos, e viver para serdes dignos de todas as bênçãos que ele tem para vós desde antes que os alicerces deste mundo fossem assentados. E eu oro que o Senhor vos abençoe para que nunca vacileis ou falheis.

NOVOS PRESIDENTES DE MISSÃO

Cerca de setenta novos presidentes de missão estiveram reunidos no mês de junho último para receberem treinamento antes de iniciarem seu trabalho. Estavam acompanhados da respectiva esposa, que também foi treinada para sua responsabilidade. Foi um acontecimento muito significativo. Estes presidentes foram para virtualmente todas as partes do mundo livre, com a responsabilidade de pregar o evangelho ao povo de sua área. Eles representam contudo um terço do número total de presidentes; cada um servirá normalmente durante três anos, e num sistema rotativo todos serão desobrigados no fim do período com o amor e gratidão dos missionários a quem servem, das pessoas a quem presidiram e das Autoridades Gerais, sob a direção das quais trabalham.

A Igreja deve sua existência a três razões básicas. Ela deve pregar o evangelho a toda a humanidade, deve levar avante a obra genealógica e do templo "para que eu não venha e fira a terra com uma maldição" e Sião deve ser estabelecida em todas as estacas, alas e ramos. A obra missionária é tão importante que o Salvador encarregou dela os antigos Doze Apóstolos em suas palavras finais antes de partir: "Ide a todas as nações, e pregai o evangelho a toda criatura." (Marcos 16:. 5.)

Em nossos dias o Senhor declarou aos primeiros irmãos na Igreja restaurada: "Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura, agindo sob a autoridade que eu vos dei, batizando em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo." (D&C 68:8, 112:28-29.) Esta é nossa tarefa; esta é nossa responsabilidade divinamente imposta. Nossos líderes ensinaram que cada membro deve ser um missionário. O próprio Senhor disse o mesmo: "Eis que vos enviei para testificar e prevenir o povo, e todo o que for prevenido deverá prevenir o seu próximo. Portanto, não terão desculpa, e seus pecados estarão sobre suas próprias cabeças". (D&C 88:81-82.)

A dedicação dos membros da Igreja ao programa missionário é de fato maravilhosa: Grandes são os sacrifícios envolvidos, mas ilimitadas são as bênçãos recebidas.

(Church News, 20-06-81)

O ORGULHO DE EMILY

Por William G. Hartley
Ilustrado por Dick Brown

Descubra sua herança

Poucos recém-casados passam a lua-de-mel acampando durante dois meses de inverno no frio. Mas a noiva Emily Abbott, de dezoito anos de idade, e seu marido, Edward Bunker, não tiveram muita escolha. Logo depois que John Taylor, então um apóstolo, os selou como marido e mulher em Nauvoo, eles partiram para o oeste com centenas de outros santos sobre o gelo do congelado Rio Mississipi, no final de fevereiro de 1846. Como refugiados, eles acamparam na lama e neve dia após dia, na lenta jornada através do estado de Iowa.

Em Garden Grove, Iowa, Edward deu um jeito de construir uma cabana tosca de um cômodo. Mas a falta de janelas e portas e o chão sujo era certamente muito menos do que esta jovem esposa estava acostumada. Emily, ele bem o sabia, havia crescido rodeada de coisas agradáveis. Sua infância, em Danville, Nova Iorque, passou-se em uma casa próspera, graças à boa renda de seu pai numa indústria de artigos de lã que lhe pertencia. Seus pais a enviaram a uma excelente escola primária na área.

Quando Emily tinha mais ou menos dez anos de idade, a família se mudou para o oeste, a fim de cultivar um trecho de aproximadamente dezesseis hectares de terra em Illinois. Converteram-se ao Mormonismo e logo se mudaram para Nauvoo. Em 1843, o pai de Emily morreu, e para ajudar a sustentar a mãe e cinco outros irmãos, a adolescente Emily encontrou trabalho nas casas vizinhas. Horas a fio de um trabalho esmerado a transformaram em excelente costureira. Foi enquanto fazia o trabalho de alfaiate que encontrou e casou-se com Edward.

A vida não era fácil naquela cabana na comunidade de Garden Grove. Edward tinha que viajar muitos quilômetros para conseguir empregos temporários. Ele conseguia levar um pouco de milho uma vez, um pouco de toucinho na outra. Quando soube que o exército dos Estados Unidos queria voluntários para o Batalhão Mórmon, alistou-se, esperando que seu soldo pudesse pagar a viagem de Emily para o oeste.

Partiu, deixando Emily e a família de sua mãe cuidando de si próprios, até que retornasse. Mais ou menos em um ano, a pobreza ensinaria àquela jovem esposa uma lição duradoura sobre orgulho.

Emily, perita em costura, algumas vezes sentia-se superior àqueles que não se vestiam tão bem quanto ela. Certo dia, viu um bebê vestido com um tecido brilhante de cortina — um xale com desenhos de figuras vivas com um fundo azul-escuro. Tecido de cortina para uma roupa de bebê! Criticou a mãe severamente por não ser capaz de prover algo melhor para a criança e prometeu em voz alta: "Eu nunca vestiria meu bebê com uma roupa como essa, nem que fosse de graça."

Mas, naquele mês de janeiro, quando ela deu à luz seu primeiro bebê, não tinha com que vesti-lo. Ninguém no acampamento tinha qualquer coisa que ela pudesse comprar para transformar em roupas de bebê. Ninguém, exceto a pobre mãe a quem ela havia criticado. A mãe gentilmente disse a ela: "E tenho alguns metros do mesmo tecido que usei para fazer as roupas de meu bebê. Terei prazer em cedê-los." Emily, engolindo seu orgulho, aceitou o tecido de cortina e se prontificou a pagá-lo. "Não, não quero que você me pague, falou a mãe." "Espero que você precise tanto dele, que não derrame lágrimas e culpe o Senhor por não ter nada melhor."

Emily não reclamou da roupa de pano de cortina que fez para seu filho. Por muito tempo, aquela roupa foi a única coisa que o garotinho teve para vestir.

Quando o marido, Edward, retornou do serviço do batalhão depois de dezoito meses, pôde ver pela primeira vez seu filho de onze meses de idade. (Mas os registros não nos contam o que o menino usava quando encontrou o pai.)

Anos mais tarde, como mãe de 11 crianças, Emily sempre contava a história da roupa de pano de cortina a seus filhos, para ajudá-los a aceitar situações em que dinheiro e bens materiais eram escassos.

QUANDO SE ORA À MANEIRA DO SENHOR

por Stephen L. Law

"Não adianta vocês virem visitar-me mais", disse-nos a doce e idosa Julia Muñoz, viúva de Olvera. "Não vou mais freqüentar a Sociedade de Socorro em sua Igreja."

Meu companheiro e eu estávamos descrentes, parados na soleira da porta. Embora sabendo que a irmã Olvera, tão presa às próprias tradições religiosas, não se uniria à Igreja nesta vida, nunca esperávamos que nos dissesse tal coisa. Ela recebeu todas as palestras, leu os folhetos explicando o evangelho, estava lendo o Livro de Mórmon, e religiosamente freqüentava as reuniões da Igreja.

Temendo que algum membro do ramo de Nueva Rosita, Coahuila, México, a tivesse ofendido, nós lhe perguntamos a razão dessa repentina mudança de atitude.

"Oh, os membros são maravilhosos, as reuniões têm um lindo espírito, e sinto-me muito bem depois que vou lá", explicou. "Mas você vê, perdi meus óculos. Sem meus óculos, não posso mais ler o Livro de Mórmon, as lições da Sociedade de Socorro, e outras coisas que fazem a Igreja tão significativa."

Pudemos ver que isto era um assunto muito sério em sua mente e que ela estava muito deprimida. Tentamos assegurar-lhe que não era necessário ser capaz de ler e escrever, a fim de apreciar as reuniões. De fato, vários membros do ramo nunca aprenderam a ler ou escrever. Ela recusou-se a ser consolada. Além disso, seu único recurso para receber alguma renda e prazer — a costura — teria que ser abandonado. A compra de um novo par de óculos não poderia ser considerada. Um par de óculos prescritos foi um luxo de se ter uma vez só na vida, e nem mesmo seus vizinhos que trabalhavam o dia todo teriam condições de ter. Senti-me inspirado a encorajá-la a buscar a ajuda de seu Pai Celestial em oração pessoal. Prometi-lhe que, se assim o fizesse, ela encontraria seus óculos e seria capaz de desfrutar a vida como antes. Ao sair de sua casa, meu companheiro censurou-me por ter feito uma promessa tão vazia. Mas eu sentia-me bem a esse respeito, e assegurei-lhe que o Senhor atenderia ao pedido dela.

Retornamos poucos dias mais tarde, apenas para encontrá-la ainda mais desencorajada do que antes. Ela não orou? Ela orou com fé? Ela nos assegurou que havia orado fervorosa e sinceramente muitas vezes — mas sem resultado. Perplexo, perguntei-lhe se havia sido explícita ao requisitar ajuda em encontrar seus óculos. Ela replicou que havia recitado todas as orações decoradas desde a infância com toda a sinceridade que poderia concentrar. Uma onda de frustração invadiu-me à

medida que percebi que meses de ensino haviam falhado em transmitir-lhe a necessidade de oração particular.

Gastamos a próxima hora instruindo-a a como conversar com o Pai Celestial como uma criancinha o faria — sem decorar, sem generalidades ou repetições — mas do coração, pedindo a devolução de seus óculos. Acentuamos o papel do Salvador como nosso mediador e dissemos-lhe que todas as orações deveriam ser proferidas em seu nome. Ela ainda se sentia muito envergonhada, como se sentiu em outras ocasiões, para proferir a oração ao término de nossa visita, mas prometeu que iria orar em particular da forma como a havíamos instruído.

Poucos dias mais tarde, retornamos e fomos recebidos com o alegre pronunciamento de que ela queria ser batizada naquela semana! Nós escutamos assombrados à medida que ela explicava essa súbita mudança. Ela se havia ajoelhado em oração humilde como havíamos ensinado, e em nome de Jesus Cristo, havia pedido ao Pai Celestial que a ajudasse a encontrar os óculos. Ela ergueu-se após ter orado e sentou-se à máquina de costura. Um pequeno cachorro correu para dentro de casa, deitou-se aos pés dela, e começou a brincar com alguma coisa na boca — seus óculos!

Ela não tinha nenhuma idéia de onde os óculos tinham estado e nunca havia visto o cão antes. Mas sabia que o Pai Celestial havia respondido à sua oração. Ela queria ser batizada imediatamente, e queria que todos os seus entes queridos soubessem da alegria que encontrara.

Recompensas adicionais de sua oração vieram rapidamente com o batismo de duas de suas filhas e vários netos. Gerações futuras irão abençoar o nome de Julia Muñoz, viúva de Olvera.

VAI MUDAR-SE?

Informe-nos... *antes*

Não deixe de receber sua revista mensal da Igreja quando se mudar.

Para ter certeza de não perder nenhum número de A Liahona, é necessário que nos informe dois (2) meses antes, para que a remessa da revista não seja interronpida.

Para mudar seu endereço

1. Preencha as informações no espaço apropriado.

_____

Nome

_____

Antigo endereço

_____

Bairro Cidade Estado

_____

CEP

2. *Escreva* com clareza seu novo endereço aqui. Obrigado!

_____

Nome

_____

Novo endereço

_____

Bairro Cidade Estado

_____

CEP

NOTA: Se preferir não usar este formulário, dê-nos a informação solicitada numa folha separada.

Envie para —
Caixa Postal, 26023
01000 — São Paulo — SP

CONCERTO À MEIA-NOITE

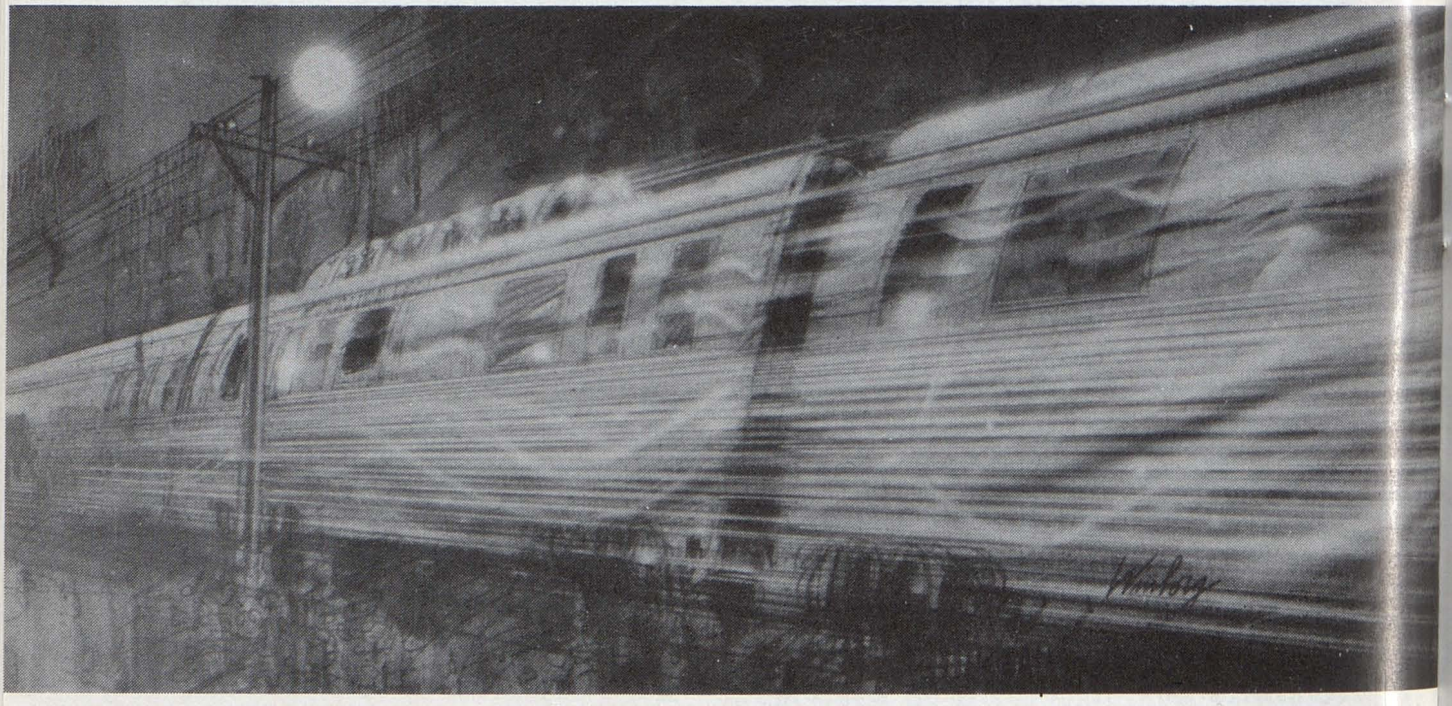
por Diana McFarland Brown

Animada e sem descanso. Ansiosa, mas incerta. Aqueles eram meus sentimentos, à medida que o trem acelerava e se aproximava de seu destino.

Era junho de 1961, e eu estava viajando com outros dezesseis estudantes numa viagem de estudos da Universidade de Brigham Young para estudar francês em Quebec, Canadá. Chegaríamos lá amanhã, e era natural a nossa expectativa crescente.

À medida que minha ansiedade aumentava, assim também minha apreensão: porque eu me defrontava com dois problemas. O primeiro e mais importante era o desafio de ser uma missionária, um exemplo fiel de quem vivia o evangelho. Uma vez que a Igreja começara a enfatizar que cada membro deve ser um missionário, eu pensava bastante a respeito.

Cresci na Igreja em uma pequena cidade de Idaho onde todos eram membros da Igreja. De fato, todas as comunidades da redondeza eram tipicamente de santos dos últimos dias, e a maioria das atividades, sociais e cívicas, bem como religiosas, eram centralizadas na Igreja. De lá, fui para a saudável atmosfera da Universidade de Brigham Young, em Provo, Utah. O resultado foi que, aos dezenove anos de idade, eu nunca havia realmente tido uma



associação íntima com não-membros.

Nas poucas ocasiões em que encontrei não-membros, quis falar-lhes da Igreja, mas ficava repentinamente envergonhada e incapaz de falar, embaraçada para dirigir a conversa nesse rumo. As perguntas de ouro pareciam alojar-se como um caroço em minha garganta, e minha voz fraquejava, quando eu queria falar com convicção. Era difícil falar sobre aquilo que eu sentia tão profundamente, e achava que me estava intrometendo, se perguntasse a alguém sobre sua religião. Depois que a oportunidade passava, ficava zangada comigo mesma. Se, como o apóstolo Paulo, eu "não me (envergonhava) do evangelho de Cristo, pois é o poder para salvação de todo aquele que crê" (Romanos 1:16), por que me era tão difícil falar aos outros sobre estas boas novas?

Meu segundo problema era muito mais simples. Depois que chegássemos a Quebec, e nos registrássemos na Universidade Laval, deveríamos falar francês durante toda a nossa estada no verão. Eu havia estudado francês somente um ano, e não dominava a língua. Contudo, este problema era um dos que a maioria dos estudantes compartilhava, e eu sabia ser um dos propósitos de nossa viagem ajudar-nos a melhorar nosso francês.

Eu não era a única pessoa incansável naquele dia. A noite caiu e os outros ocupantes do vagão de passageiros em que viajávamos estavam se preparando para dormir; mas nosso grupo estava muito animado para pensar em dormir.

"Vamos para o vagão de vista panorâmica cantar algumas músicas em francês e praticar a língua", sugeriu alguém.

Fomos para o outro vagão, que consistia de dois andares: o inferior, semelhante a um vagão regular de passageiros, porém com menos bancos, e uma escada que leva ao nível superior, ou cúpula. De lá, tinha-se uma vista panorâmica através das janelas curvas daquela parte superior. Quando entramos, percebemos que o andar inferior estava completamente vazio. Subimos para o nível superior e encontramos apenas dois ocupantes, uma jovem mãe e seu bebê chorando.

Após a mãe ter-nos assegurado que nosso canto não os perturbaria, começamos a cantar, hesitantemente, com muitas incorreções em nosso sotaque e gaguejando ao pronunciar as palavras. Rapidamente nosso pequeno repertório de canções francesas acabou, e mudamos confortavelmente para a música e linguagem familiar de nossos hinos SUD.

Sentia-me confortada e fortalecida com os hinos que cantava desde a infância, e notei que o garotinho parou de chorar enquanto cantávamos. Em breve ele estava dormindo no colo da mãe.

Não sei por quanto tempo cantamos, mas recordo-me de como meu espírito se elevou e da profundidade de minha convicção, enquanto cantávamos "Eu sei que Vive meu Senhor" e "Ó Meu Pai", e a felicidade que senti ao cantar "Já Refulge a Glória Eterna". Finalmente terminamos com "Vinde ó Santos," e quando os últimos refrões de "Tudo bem" foram diminuindo, co-

meçamos a sair calmamente do compartimento.

Fui a primeira a sair e descer para o nível inferior, e não estava preparada para a visão que encontraram meus olhos. Dúzias de faces voltadas para cima estavam olhando para nós. Cada assento, vazio quando entramos no vagão mais cedo, estava agora ocupado, e as pessoas estavam até mesmo em pé ou sentadas no corredor. Sem percebermos, aquelas pessoas reuniram-se para ouvir-nos cantar.

Uma mulher de pé, próxima à escada, tocou meu braço, e notei que tinha lágrimas nos olhos. "Vocês, jovens, cantam tão bem," disse ela, "porque vocês cantam do coração. Quem são vocês, de onde vêm?"

"Somos mórmons, senhora", respondi. "Somos estudantes da Universidade de Brigham Young em Provo, Utah."

"Mórmons...," ela murmurou.

Ela estava certa. Havíamos cantado do fundo do coração, e meu coração ainda estava cantando. Eu me ouvi dizendo: "O que a senhora sabe sobre os Mórmons?"

"Bem, eu já ouvi o seu adorável Coro do Tabernáculo", replicou ela.

"Gostaria de saber mais sobre os Mórmons?" perguntei.

"Sim, realmente gostaria."

"O que eu sei?" pensei em pânico. "Finalmente fizera as perguntas de ouro, mas, por onde começo agora?"

Então uma voz calma, segura, falou atrás de mim e eu me voltei para ver um dos ex-missionários de nosso grupo aproximar-se e tomar a mão da mulher com um aperto caloroso, firme.

"Talvez já tenha ouvido falar em um homem chamado Joseph Smith," disse ele. "Deixe-me contar-lhe mais a seu respeito."

Em breve, ele estava relatando a primeira visão de Joseph Smith e explicando o surgimento do Livro de Mórmon. Diversas pessoas que nos tinham ouvido cantar ficaram para ouvir este sincero jovem de nosso grupo e o que ele tinha para contar, e algumas delas deixaram seu nome e referências para o contato dos missionários ou para receberem exemplares do Livro de Mórmon.

Eu estava cheia de paz e alegria. Havia feito as perguntas de ouro, e meu amigo, o ex-missionário, me havia mostrado como prosseguir daí. Apenas poucos momentos atrás, havíamos cantado a primeira visão de Joseph Smith em "Que Manhã Maravilhosa." Desde os primeiros anos na Primária, as crianças escutam a história do menino "que orou ao Pai de amor". Que modo melhor de apresentar o evangelho do que relatar esta história maravilhosa? Esta experiência me guiou muitas vezes durante o verão que tive pela frente.

Nos próximos anos, aprendi a seguir as perguntas de ouro com um convite para vir a minha casa assistir a um filme e conhecer os missionários. Também aprendi que há muitos meios efetivos de se apresentar o evangelho às outras pessoas. Mas gosto de recordar aquela noite no trem, quando cantamos com o coração, despercebidos de nossos ouvintes. Nós tínhamos sinceramente algo para cantar, e nossa mensagem havia sido ouvida.

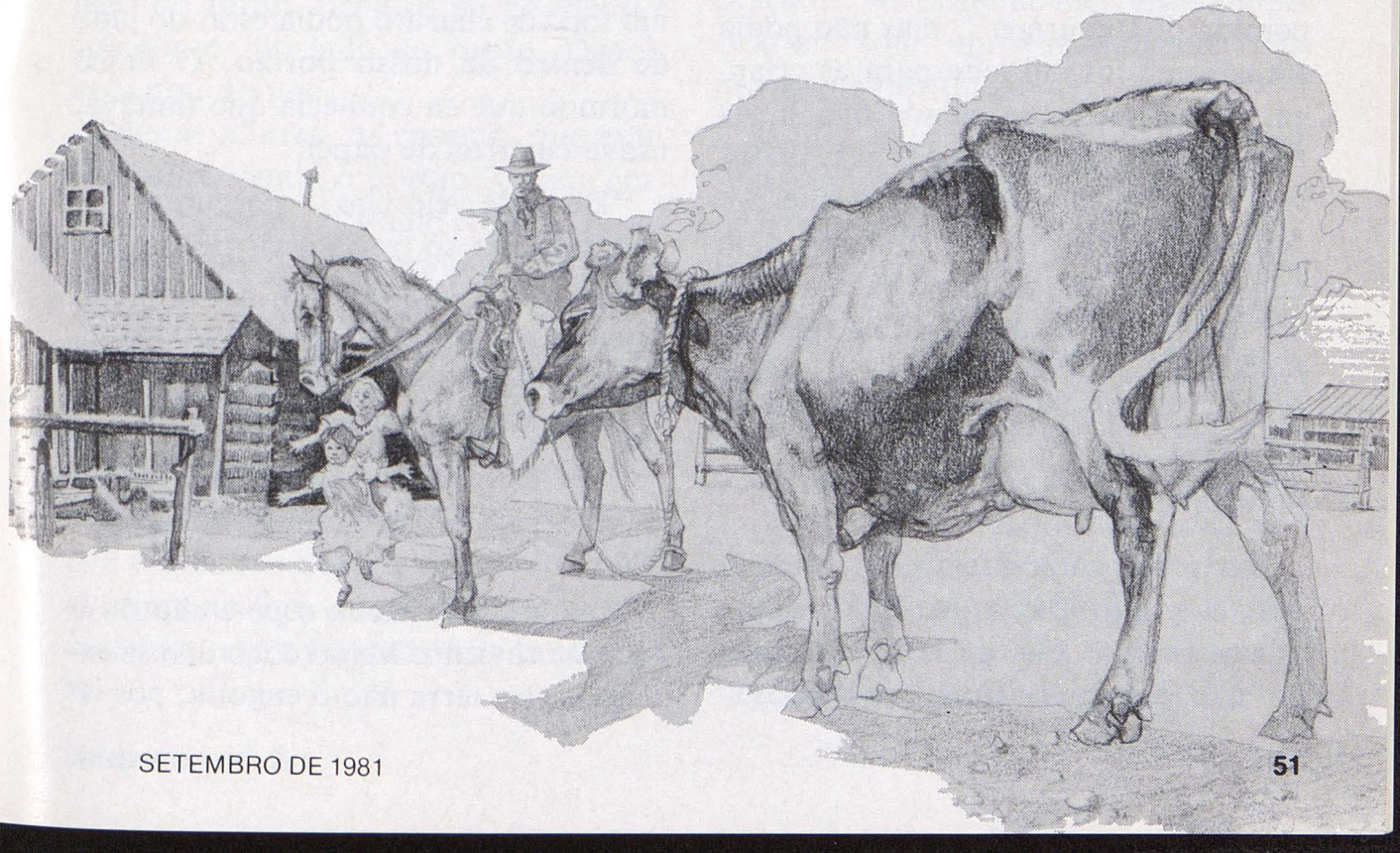
A VACA GENTIA

por Rhoda Lewis Behunin
Ilustrado por Craig Poppleton

Num mapa, a cidade de Bluewater, Novo México, é apenas um ponto pequeno no canto nordeste do estado. Mas, para mim, era uma cidade muito importante, porque lá nasci e fui criado. Era o meu mundo. Lá eu aprendi lições importantes e uma das mais importantes foi a da "vaca gentia".

A região em torno de Bluewater era linda, mas linda de uma forma rude. Era uma zona seca, e a maior parte do vale era coberta por um solo de areia vermelha, cujo vento constante empilha em torno dos postes, das cercas e de outros objetos. Uma profunda vala atravessa o vale. Somente durante a estação chuvosa é que existe alguma água, e então é uma torrente furiosa, colorida de vermelho pelo solo. Próximos à cabeceira da vala, onde há uma corredeira dos montes, alguns choupos conseguiram enviar suas raízes fundo o bastante para serem sustentadas pela água sob o solo. Elas se acham tão firmes, que não podem ser afetadas pelo vento ou seca. Quando criança, esperava que meu testemunho do evangelho se tornasse tão profundamente enraizado e tão firme como aqueles choupos.

Bluewater era realmente uma comu-



nidade dividida entre os mórmons e os gentios. Do lado norte, viviam os ricos (nós pensávamos) gentios. Eles eram os donos do Armazém Geral e da oficina mecânica com a bomba de gasolina. Também havia a pequena estação ferroviária de Union Pacific e o Posto de Correio dos Estados Unidos. Do lado sul, os mórmons tinham uma pequena capela e uma escola de tijolos vermelhos. Não havia muitas atividades sociais entre os dois grupos. Os mórmons iam ao armazém comprar mercadorias e gasolina e buscar a correspondência no correio. Poucos trens paravam na estação, pois havia tão poucas pessoas lá. As crianças gentias vinham à escola, e os adultos gentios vinham ocasionalmente às atividades sociais e bailes da Igreja.

Durante a depressão dos anos 30, nós vivemos principalmente de feijão e batatas. O ultimato era: "Se você não cultiva, não come." Mamãe podia preparar batatas e feijões como se fosse comida de "gourmet", mas não podia transformá-los em leite para as crianças. Nesta pequena cidade não havia telefones, calçadas, luz elétrica, ou estradas pavimentadas — nem leiterias. Não havia nem mesmo dinheiro para adquirir leite em pó. Uma vaca leiteira era uma necessidade para uma família. Nossas vacas eram todas secas. Meus pais se preocupavam com os oito filhos. Como o filho mais velho, eu me preocupava também.

Certo dia, enquanto ajudava mamãe com os pratos, perguntei: "Nós vamos passar fome?" Ela replicou: "Nós ainda não passamos fome, passamos?" Eu sabia que não, mas gostaríamos de variar, e agora precisávamos de leite. Ela continuou falando mais para si mesma do que para mim: "Enquanto pagarmos o dízimo, não posso pensar que o Senhor nos deixará passar fome. Ele sempre nos protegeu." Eu sabia que isso era verdade e que meus pais sempre pagaram o dízimo honestamente e de boa vontade de cada centavo que recebiam. Cada décima parte de um bezerro ia para o dízimo. Via mamãe escrever no calendário quantos ovos havia reunido naquele dia, e todos os meses um décimo ia para o Senhor. Eu ficava reanimado. Além disso, era primavera, e novas sementes estavam sendo plantadas.

Não muito depois desse dia, eu ia para casa no ônibus escolar. Quando me aproximava da entrada de casa, vi meus dois irmãos pequenos e minha irmã olhando para alguma coisa ao lado do portão. Era um toco de charuto em brasa. Não conseguia imaginar como um toco de charuto podia estar do lado de dentro de nosso portão. O único mórmon que eu conhecia que fumava, usava cigarros de papel.

"De onde veio isso?" perguntei.

A resposta só traria mais perguntas. "O Sr. Thigpen atirou-a aqui. O Sr. Thigpen era o gentio mais importante. Era o dono do Armazém Central.

"Por que ele esteve aqui?"

A próxima resposta não esclareceu o mistério: "Ele vai dar uma vaca ao papai."

Minha irmã esticou o pé e chutou o toco do charuto. Mas o fogo não se extinguiu, e a terra não o engoliu; por is-

so meu irmão pegou a pá e cobriu o restante do charuto com areia.

Papai saiu da casa e colocou uma rédea no cavalo que estava no curral. Mamãe saiu e disse: "Você vai agora?"

"Sim, o Sr. Tigpen disse que fosse buscar a vaca. Ele vai mudar de idéia quando ficar sóbrio, mas vamos tirar o leite dela hoje à noite de qualquer modo."

Ele atirou a sela no cavalo e apertou a silha. "Voltarei em algum tempo." Montou e rumou para o norte. Eu estava estupefato demais para perguntar se poderia ir junto.

Enquanto mamãe preparava o jantar, eu fazia minha lição de casa. Tinha que terminá-la antes do escurecer, porque não tínhamos querosene para o lampião. Mamãe colocou lenha no fogão. Ela mexia a comida nos caldeirões, depois os empurrava para o fundo do fogão, para que ficassem aquecidos, mas não queimassem. Pegou os pães do forno, tirou-os da assadeira e colocou-os do lado do fogão. Depois arrumou a mesa.

Nestas alturas, as crianças que estavam observando o portão, vieram correndo para casa. "Papai chegou! A vaca está aqui!" E correram para fora da cozinha. Eu corri para fora também. Mamãe trouxe um balde para o leite. Meu irmão rapidamente abriu a porta do curral. Nós todos observávamos enquanto a bela vaca cheia de leite entrava delicadamente para dentro. E lá ficou esperando que lhe tirássemos o leite. Nem mesmo o mais famoso cantor de ópera teve uma audiência mais grata.

Papai ordenhou a vaca. Nós ficamos lá escutando o som do leite enchendo o balde. Caminhamos para casa atrás de papai que carregava o balde de leite. Ele abriu a porta do fogão para iluminar a sala escurecida. Coou o leite e colocou a jarra sobre a mesa. Mamãe cortou fatias de uma macia bengala de pão, trouxe o feijão, batatas, e o pão e colocou-os na mesa. Todos nós sentamos, e papai abençoou o alimento e agradeceu o Senhor pela gentileza que recebemos naquele dia.

O Sr. Thigpen voltou alguns dias depois. Ele estava um pouco envergonhado por sua generosa oferta. Contudo, encobriu seu embaraço, oferecendo um emprego a papai pela vaca e também para receber produtos do armazém como pagamento.

"Bem", disse mamãe, "nós nunca sabemos de que modo o Senhor irá nos ajudar. Eu nunca pensei que um gentio bêbado pudesse ser a resposta de uma oração." As raízes de meu testemunho ficaram com aproximadamente três metros de profundidade.

Muitos anos se passaram desde que sentávamos em torno da mesa comendo nossa refeição à luz da lareira, mas a cena se acha tão brilhante em minha mente quanto uma lâmpada sem sombras. Tenho viajado para muitos lugares do mundo e comido refeições notáveis. Tenho experimentado leite pasteurizado, homogeneizado, pulverizado, refinado e fortificado, mas nenhum leite jamais superou, ou igualou, o leite que trouxe satisfação para a alma o qual o Senhor nos enviou através daquela delicada "vaca gentia".

AUTO-ANÁLISE

Richard L. Evans

Há um provérbio do século dezessete que declara: "não acredite no que diz a boca do inimigo". Mas, talvez possamos crer num exame de nós mesmos. Assim sendo, por um momento, façamos um pouco de auto-análise, mediante uma longa lista de assuntos:

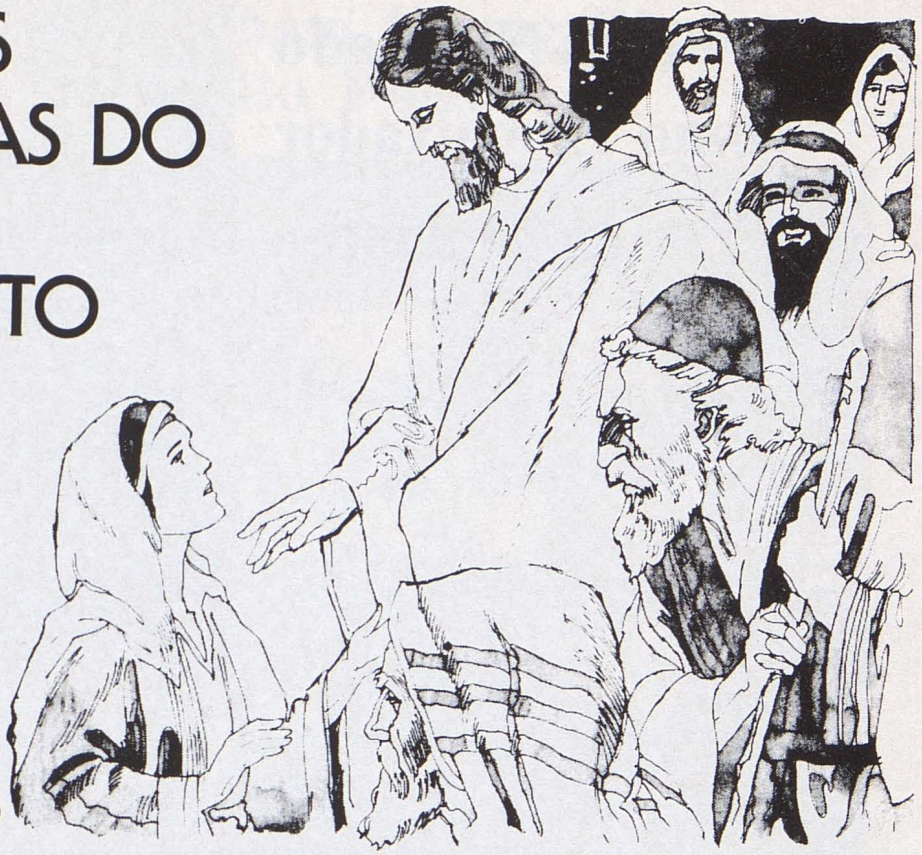
Se tivesse de escolher alguém em quem confiar, poderia escolher você mesmo? Gostaria de encontrar consigo mesmo em momentos de aflição? Gostaria de precisar depender de sua própria misericórdia? Se os outros homens não pusessem trancas em suas portas, nos seus celeiros, e nos bancos, você entraria onde sabe que não tem direito de entrar? Se não houvesse contabilizações, garantias legais, cortes, penitenciárias, desonra — nada que habitualmente causa temores, à exceção de seu verdadeiro eu dentro de você — você tomaria para si o que soubesse não lhe ser lícito? Você serviria um homem sem influência da mesma forma que o influente? Pagaria um preço justo a alguém forçado a vender algo, da mesma forma que o faria, se ele não tivesse que vender? Você cumpriria um acordo verbal da mesma forma que um contrato escrito? Se encontrasse algo que ninguém soubesse que você havia achado, tentaria devolvê-lo, ou o meteria no bolso? Você vacilaria em uma questão de certo ou errado? Falaria bem de seus amigos, quando ausentes, do mesmo modo que fala quando estão em sua frente? Se cometesse um erro, admiti-lo-ia, ou fingiria que está certo, mesmo sabendo que não? Poder-se-ia confiar em você, em qualquer lugar, ou somente onde você é conhecido? Você é dos que acham que o mundo lhe deve o pão de cada dia, ou honestamente sabe que deve trabalhar por aquilo que deseja?

Você faz esforço sincero para aprimorar seu desempenho, ou fica esperando uma imerecida promoção ou aumento de salário? Você trata de fazer o seu trabalho, ou fica "enrolando", temendo já estar fazendo muito? Você daria emprego a si mesmo? Gostaria de trabalhar para si mesmo? Se você fosse seu próprio sócio, confiaria nele? Se seu sócio falecesse, trataria a família dele com a mesma correção usada enquanto vivia? Se ele adoecesse, você seria generoso, além de justo?

Faça o exame novamente, bem a fundo: Gostaria de trabalhar para si mesmo? Gostaria de conviver consigo mesmo? Este é, de fato, um teste rigoroso. Mas, às vezes, vale a pena "virar-nos ao avesso" e examinar-nos honestamente, como se fôramos outra pessoa.

HISTÓRIAS ILUSTRADAS DO VELHO TESTAMENTO

PBIC0336PO
Cr$ 230,00



HISTÓRIAS ILUSTRADAS DO NOVO TESTAMENTO

PBIC0347PO
Cr$ 230,00

Pela primeira vez, no Brasil, duas atrativas coleções contendo histórias ilustradas a cores, com legendas.
Especialmente indicadas para presentes de fim de ano, para ensinar crianças e estudos do evangelho em seu lar.

DOUTRINA E CONVÊNIOS E PÉROLA DE GRANDE VALOR

PBMI4019PO
Cr$ 100,00

Edição revisada e encardenada, contendo 2 novas seções autorizadas e nova declaração oficial da Primeira Presidência.

Pedidos à:

DIVISÃO DE DISTRIBUIÇÃO
CAIXA POSTAL 26023
01000 — S. PAULO — SP

(envie **cheque** pagável à Associação Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias)

Santo dos Últimos Dias Nomeado como Embaixador na Finlândia

Keith Foote Nyborg, membro da Igreja e ex-missionário de 51 anos de idade, foi nomeado pelo Presidente Ronald Reagan como Embaixador dos Estados Unidos na Finlândia.

O irmão Nyborg, que é membro da ala 4 de Ashton da Estaca Ashton Idaho, foi missionário na Finlândia de 1950 a 1952 e fez seis ou sete viagens para lá desde aquela época. Casou-se com Raija-Leena Itkonen, natural de Tampere, Finlândia, em 1953.

O Presidente Reagan o nomeou para a posição em dez de julho e conversou pelo telefone com o irmão Nyborg. "Foi como um choque", disse ele na entrevista para a Associated Press. "Eu fiquei firme em pé e disse, 'Sim, senhor Presidente. Eu gostaria de servir.'"

Depois de oficializada a nomeação, o irmão e a irmã Nyborg e sua filha Maija Liisa, de 20 anos, mudar-se-ão para a Embaixada dos Estados Unidos em Helsinqui no fim deste ano. Liisa retornou recentemente de um semestre de estudos em uma universidade na Finlândia. O casal Nyborg tem dois filhos, Mike de 27 anos residente na Cidade de Lago Salgado e Bruce de 25 anos em Ashton, Idaho.

Os irmãos Nyborg têm ancestrais dinamarqueses e trabalham na fazenda da família, "Finlândia", desde 1961.

Reitor da Faculdade de Direito da Universidade de Brigham Young Chamado para Alto Posto

O novo procurador-geral dos EUA, Rex E. Lee e sua família, da esquerda para a direita: Wendy, Stephanie, Michael, a esposa Janete, Christie, Melissa, Tom e Diana.

Rex E. Lee, reitor da Faculdade de Direito J. Reuben Clark, da Universidade Brigham Young, desde sua abertura dez anos atrás, é atualmente o novo procurador-geral do Senado dos Estados Unidos. O irmão Lee foi nomeado pelo Presidente Ronald Reagan.

Este é o segundo chamado do irmão Lee para trabalhar na capital dos Estados Unidos. De 1975 até 1977, ele trabalhou na administração do Presidente Gerald R. Ford como assistente do procurador-geral dos Estados Unidos.

Mesmo antes de sua confirmação pelo Senado, o irmão Lee desempenhou com sucesso a função de procurador-geral da nação, num caso perante a Suprema Corte dos EUA.

Como procurador-geral do país, ele supervisará um grupo de mais ou menos vinte advogados que prepararam e apresentam anualmente os sessenta ou setenta casos do Supremo Tribunal em que o governo está envolvido.

O irmão Lee serviu em muitos cargos na Igreja e era presidente da sétima Estaca da BYU na época de sua nomeação. É casado e tem sete filhos.

Seu sucessor na faculdade de direito da BYU é o irmão Carl S. Hawkins, que foi reitor-assistente quando o irmão Lee foi assistente do procurador-geral da nação.